# O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Portugal e Hespanha: anno 1$300; semestre 650. Colonias portuguezas, salvo quando os assignantes mandem pagar directamente, 1$000. Extrangeiro, exceptuando Hespanha, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 4 DE SETEMBRO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal 120 réis a linha. Primeira pagina 1$000 réis. Ultima pagina — pagina d'annuncios — 40 réis a linha. Em qualquer pagina a linha é contada em columna d'annuncio.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Nº 1:376


## Os effeitos... da politica crical

Vejo no *Primeiro de Janeiro*, e n'outras gazetas affeiçoadas ao governo, que a conferencia entre o presidente do conselho e o rei foi cordealissima, vindo o Teixeira de Souza do Paço muito agradado.

Bem digo eu, no artigo adeante publicado, que n'este paiz nem o rei é monarchico!

Mas se o rei ficou satisfeito, porque esperamos? Quem tinha razões para não ficar satisfeito era elle. Até aqui, vá, que estivesse quieto e calado. Podiam-lhe dizer que a attitude ignobil do ministerio deante dos republicanos daria resultados favoraveis. Vá! Mas agora?

Pois Lisboa repelle a monarchia, pois o resto do paiz repelle o governo, e o rei, ainda por cima, diz ao Teixeira de Souza: *muito obrigado?*

Admiravel rei!

Pois o que significaram as ultimas eleições senão a condemnação formal da politica crical e da politica ministerial?

Os jornaes podem dizer o que quizerem, as quadrilhas podem fazer o seu jogo miseravel, que só enganam a turbamulta ignara.

A verdade, patente, eloquente, que se mette pelos olhos dentro ao mais bronco, é que a pequena maioria obtida pelo governo, e essa mesma com fraquissimas votações, é a completa exauctoração da politica ministerial.

O rei está a mangar com o paiz, ou o que faz?

O rei tem a menor duvida de que a victoria, a decantada victoria do governo, na Guarda, em Castello Branco, em Braga, em Faro, é uma usurpação infame? Miseravel?

Ainda que o governo vencesse as eleições *legitimamente* n'esses districtos, não deixaria a votação mesquinha, que lhe deu a maioria, de ser a condemnação da sua politica e a condemnação a mais formal.

Pois o ministerio faz as eleições com uma lei fabricada expressamente para entregar a urna ao arbitrio, ao absoluto arbitrio de todos os governos, dispõe da enorme força que deriva do exercicio do poder, pratica violencias incontestaveis, recorre a perseguições, a pressões, a veniagas, perde as maiorias n'uns poucos de districtos, ganha n'outros, segundo elle, por maiorias insignificantes, positivamente insignificantes, e isso não significa o repudio, a derrota, o completo repudio, a completa derrota, da politica crical e da politica ministerial?

O rei contente! Hein? E que tal? E' admiravel!

E eis porque a monarchia está morta. Adeante, n'esse artigo já citado, eu digo que a monarchia está morta. Mas porque? Porque está morta a monarchia em Portugal? Porque os republicanos, divididos os monarchicos, arrancaram d'esta vez as maiorias em Lisboa? Porque, em 155 representantes, levam á camara 14 deputados? Seria pueril, da nossa parte!

A monarchia, sim, está morta. Mas não a mata, pelo menos desde já, a politica republicana. O que a mata é a politica crical. E' essa! Essa é que a mata!

A sensação, produzida pelo triumpho dos republicanos em Lisboa, não vem d'esse triumpho em si, nem porque uma cidade, embora a capital, se possa impôr a um paiz, ou porque 14 homens tenham o poder de suffocar 140 deputados. Vem da consciencia geral de que a monarchia, subordinada á politica crical, não sabe, ou não quer, defender-se do assalto.

E' um suicidio miseravel!

Esse mesmo triumpho de Lisboa, esse mesmo triumpho de Setubal, e a audacia de que elle é o resultado, d'onde provém, senão d'essa covardia ignobil, d'essa fraqueza lamentavel?

Se a politica crical atirou com o poder, de mãos atadas, aos pés dos republicanos, o que esperavam? Não ha poder fraco que não provoque a indisciplina e a revolta dos subordinados. Ou elle presida a uma pequena ou a uma grande collectividade. E' chefe morto, vilipendiado, cuspido, batido, todo aquelle que se põe a tremer ou a chorar deante dos soldados.

Não ha ninguem, que exercendo uma parcella d'auctoridade, não venha a ser corrido pelos que servem ás suas ordens, desde que se revele um pusillanime, um timido, um fraco.

E não se diga que é só o espirito latino que exige o commando e a auctoridade. E' o espirito humano, em toda a parte.

Em toda a parte, na Allemanha, na Inglaterra, na Suissa, na Dinamarca, em nações grandes ou pequenas, autocratas ou democratas, germanas, anglo-saxonicas ou slavas, succederia, em identicas circumstancias, o que está succedendo em Portugal. Isto é, em toda a parte a ordem e a desordem, as classes escolhidas e a escoria, a burguezia e a plebe, a aristocracia e o povo, toda a gente, todas as classes, correriam o poder a pontapés, se o encontrassem de cócoras deante de quem o esbofeteasse.

E' isso, só isso, que mata a monarchia em Portugal. E' esse espectaculo degradante, aviltante, nojento, deante dos adversarios. Esse espectaculo que provoca a troça dos inimigos e a indignação dos partidarios. Que dá dupla coragem e dupla audacia aos inimigos e que leva o desalento ao coração dos sectarios. Que arrasta uns ao retrahimento ou á fuga e outros ao mais arrojado atrevimento e quantas vezes ao assalto. E' essa dupla força de fraqueza, d'anniquilamento e de descredito. E' isso, só isso, que mata a monarchia em Portugal.

Diz-se que trinta mil eleitores se abstiveram. E contam esses trinta mil eleitores como monarchicos. São monarchicos? Então, metade d'elles, senão mais, não se teriam abstido, se a monarchia se tivesse offerecido aos seus olhos como um governo digno, energico, viavel. Sem animar os partidarios, sem lhes levantar o animo, sem lhes incutir esperança e coragem, como attrahi-los ao combate? Só os illuminados ou os crentes teem dentro de si mesmos, ardendo sempre, independente de toda a acção externa, o fogo sagrado.

E' isso, só isso, o que mata a monarchia em Portugal. E' a sua extrema fraqueza. E' a sua vergonhosa abdicação. E' a sua covardia inenarravel.

As ultimas eleições demonstraram em Portugal uma força muito mais significativa e muito mais importante que as forças republicanas. Essa é que constituiu surpreza! Essa é que foi a *novidade!*

Eu esperei sempre — basta ler os ultimos numeros do *Povo de Aveiro* — o triumpho completo dos republicanos na capital. Ainda no domingo eu dizia: «A quadrilha republicana triumphará, e *sem duvida* triumpha desde já, na nova Sodoma, que, por desgraça, é a capital d'estes estados» Mas o que eu não esperava, e tambem se prova pela leitura dos ultimos numeros do *Povo de Aveiro,* era que o governo fosse posto em cheque pelas forças do bloco d'uma maneira tão desastrada. Isso é que eu não esperava.

Os republicanos eram acalentados, acarinhados, adulados, de maneira a causar nauseas ao estomago menos sensivel, por esse governo miseravel. O governo, a corôa, obedeciam humilde e servilmente ás suas imposições. Ao passo que os funccionarios monarchicos eram perseguidos e ameaçados pelas auctoridades ministeriaes se dessem o voto ao bloco, os republicanos eram nomeados administradores do concelho e para outros logares de confiança, e chegava a protecção escandalosa até ao ponto de se permittir aos funccionarios republicanos que fizessem propaganda eleitoral em publico e raso. O governo organisava segunda lista monarchica em Lisboa para lhes dar a maioria, e depois da imposição dos quadrilheiros, revelada em ameaças e chufas do *Mundo* e d'outros orgãos latrinarios.

Quem não havia de esperar que subisse a votação republicana? Quem não havia de esperar o triumpho dos bandidos? Mas o bloco, derribado na pessoa dos progressistas por uma conspiração palaciana dirigida e presidida pela propria Rainha, era perseguido sem dó nem piedade. Tudo era de natureza a levar-lhe o desalento e o terror. Não obstante, a sua votação, cem vezes superior á dos republicanos, irrompeu formidavel, a sul e a norte, a leste e a oeste, de todos os pontos e recantos de Portugal.

Essa é que foi a surpreza! Essa é que foi a novidade!

O bloco demonstrou uma temerosa força de reacção, que ninguem esperava em Portugal. Pois o que se discute não é essa força viva e importante. E tão significativa. E' a votação republicana!

O que attrahe as attenções da monarchia, isto é do monarcha, que estamos tomando desde o principio monarchia por monarcha, não é essa corrente. E' a corrente... *democratica!*

A nação, manifestamente, sem deixar motivo a equivocos, retirou a sua confiança ao ministerio. Pois o rei dá-lha! A nação, n'um combate que abrangia os dissidentes e os republicanos ainda mais que o proprio governo, deixa este sem maioria sua para governar. O ministerio já não pode governar senão apoiado nos dissidentes e com a benevolencia dos republicanos. São os republicanos e os dirigentes os arbitros da situação ministerial! Pois o rei, que não quiz dar a dissolução aos progressistas para a dar aos republicanos e dissidentes que reclamavam um governo da sua colligação, mantem, ainda agora, a sua confiança no governo, retirando-a á nação, que proferiu na urna o veredictum mais notavel da nossa vida constitucional! Espantoso! Unico na historia da politica mundial!

O rei D. Manuel não tem feito outra coisa, desde a morte de seu pae, que servir o jogo da canalha, dos arruaceiros, da orgia infrene, da anarchia desaforada.

Na noite da tragedia do Terreiro do Paço passeava eu no Rocio, em Lisboa, com um dos poucos anarchistas intelligentes, e, simultaneamente, audaciosos e honestos, que ha em Portugal. Estava convencido, e estou, de que esse homem, cujo nome reservo absolutamente para mim, sem ter entrado no trama que acabava de ter um desenlace tão tragico, lhe conhecia, no emtanto, todos os entrechos, peripecias e detalhes.

— E agora, perguntou elle, o ministerio cahe ou não cahe?

— Não pense n'isso. Comprehende que é inteiramente impossivel. Seria um erro e uma indignidade.

No dia seguinte, ou no outro, o ministerio estava em terra. Fiquei assombrado!

Quer dizer, era o rei quem corria adeante da desordem, do crime, da infamia, offerecendo-lhe uma taboa para se salvar!

Eu era lido. E sou. Não conhecia, nem conheço, nada de parecido na historia!

O governo do Makavenko foi uma abdicação do poder deante da canalha, uma permanente e abjecta humilhação.

Esboça-se com Wenceslau de Lima, e Elvas Cardeira no ministerio da guerra, um principio de reacção. Terra com o ministerio!

O covarde gabinete progressista não é tão covarde nem tão pulha, apesar do seu indigno procedimento em face do Borracho, que se torne um instrumento da colligação revolucionaria. O rei expulsou-o do poder, a intimações fremen tes da canalha, da forma que se sabe! E agora... ainda mantem a sua confiança no ministerio que, fulminado pela nação, já não tem senão dissidentes e republicanos para o proteger e amparar.

Isto é assombroso! Isto é unico na historia!

A monarchia succumbe, mas succumbe á sua baixesa, á sua covardia, á sua abdicação vergonhosa. A cahir com altivez, prefere viver rastejando na lama das transigencias, das concessões ignominiosas. Cuspida! Coberta de chufas! D'escarros! Envilecida! Vilipendiada e vilipendiosa!

Pois então, que morra já. Quer morrer? Morra já! Tem o direito de morrer. Mas não tem o direito de nos fazer assistir, de braços cruzados, ao triste mas repugnante espectaculo da sua aviltação, que é tambem, por desgraça, a aviltação de nós todos, a aviltação da nossa patria. Tem o direito de morrer. Mas não tem o direito de nos envergonhar.

Ninguem lhe exigia, nem exige, que faça uma politica tyrannica, sangrenta, arbitraria. Exigia-se-lhe, somente, e essa exigencia era, e é, tudo quanto ha de mais legitimo, que fizesse, que faça, uma politica de legalidade e de dignidade. De rigorosa legalidade. De estricta dignidade. Não pode ser digna? Não pode ser séria? E' incapaz d'uma politica de rigor e de firmesa? Fóra, então! Morra! E morra já!

Ainda poderia viver alguns annos. Largos annos, até. Não quer? Não pode? Não sabe? Vá-se embora! Acabe-se! Mais vale morte que má sorte. Se havemos de andar a morrer aos boccados, n'um espectaculo miserando, inspirando mais desprezo, mais nojo que piedade, antes nos afundemos, de vez, n'esta cloaca.

Sáia d'ahi, D. Manuel. Quanto antes! Por honra propria, deixe, sem demora, essa tripeça. Que isso já não é um throno. Isso é uma tripeça. Vamos! Não o fadou Deus Nosso Senhor para a gloriosa empreza de fazer desfraldar, á frente d'um exercito, a bandeira d'uma patria, correndo, voando, altivo, audaz, n'uma nuvem de poeira, para a morte ou pr'a gloria. Vá gozar! Vá passear!

Ah, que tristesa, não podermos, ao menos, morrer no campo da batalha, repetindo, para abafar os clamores da consciencia, o grito historico, que, no meio de tudo, ainda era um grito d'honra, um grito soberbo de dignidade: *Saiba morrer, quem viver não soube!*

Que miseria! Que desgraça!

## PULHAS!

*O infamissimo orgão da prostituição official — e já não dizemos da republica, visto que passa, tambem, agora, a ser orgão da monarchia — já ameaça os juizes do Tribunal de Verificação de Poderes.*

*E' o systema. Agora é o systema.*

*Estes malandros já não vivem — tamanha é a covardia nacional — senão de intimidações. Querem dispor da rainha? Ameaçam a rainha. Querem vergar o rei á sua vontade? Ameaçam o rei. E assim ministros, e assim juizes, e assim tudo.*

*Não sabemos se os membros do Tribunal de Verificação de Poderes são d'essa raça. Mas como o processo tem dado bom resultado, elles experimentam.*

*Ah, quem cortasse a lingua a estes pulhas!*

*Agora dizem que vão publicar um numero sensacional sobre magistrados portuguezes.*

*Ah, sim? Pois então tambem nós, sobre a republica portugueza.*

*E ha de trazer quadros vivos!*

*Deixa estar, deixa estar, que ha de trazer quadros vivos!*

*Põe-te em guarda, Derouet! Grita ás armas, Carlos Trilho! Apita, Margarido!*

*Ha de trazer quadros vivos!*

## COM O REI NA BARRIGA!

E cabe lá dentro! O que os leitores ainda não notaram é que o nosso pobre D. Manuel, condemnado, coitado, a ser chefe d'uma *monarchia crical*, pequenito, chupadito, cabe perfeitamente no enorme bandulho do Alpoim. O mysterio, o alto mysterio das leis do destino!

Diz elle, o popular José Augusto, que é o mesmo que dizer o *pantomineiro magno* das terras lusitanas, diz elle, do alto da sua tribuna dos sermões do bacalhau:

"Ainda mesmo que a maioria fosse *só* de dez votos, era *o bastante para o governo se sustentar.* Sei que o rei esteve com o presidente do conselho; sei que este irá á camara — *e que o ministerio se manterá.* Fixem os leitores esta minha affirmação, e fixem mais tambem a minha asserção de que factos politicos o demonstrarão em breve.„

Só se os do bloco forem tolos! Se o não forem, arranjam um homem parecido com o Buissa, mandam-no atirar á porta das Necessidades uma bomba de pataco, e eis o ministerio de pernas para o ar!

Lá que indicações da opinião publica e do bom senso não servem de nada para o rei, estamos nós fartos de o saber. Desde a queda do ultimo ministerio.

Nós estamos fartos de saber, e já o dissémos aqui n'um artigo bem expressivo e bem energico, que é a carabina do Buissa quem governa Portugal.

Bem sabemos, bem sabemos! E' esse o talisman do Alpoim e dos republicanos. Bem sabemos, bem sabemos! Não ponha mais na carta! Por isso mesmo, se os do bloco não forem tolos, deixam-se de eleições, que custam vidas e dinheiro e dão muito trabalho. Deixam-se de eleições e arranjam a vidinha admiravelmente com uma alma do outro mundo a berrar ás janellas da rainha e uma bomba de pataco a estoirar á porta das Necessidades.

Mettam-lhe medo e deixem correr o marfim.

Apprendam a metter medo, ó homens do bloco!

A sciencia politica em Portugal está toda reduzida a *sciencia de papão.*

Quem melhor fizer de *papão*, é quem ganha.

Palavra de honra, vale a pena matar um rei!

## Desenganem-se: só a tiro!

O grrrande governador civil de Lisboa, por ordem do grrrande regulo d'Alijó, quer saber quem foram os policias que votaram em Lisboa pelo bloco. Não é contra o governo! E' a favor do bloco. Votaram pela Republica? Está bem. Mas votaram contra o bloco? Está mal. Caça n'elles!

Amigos policias, a vossa vez de *caçar* tambem ha de chegar. Quando voltar um 18 de junho ou um 28 de fevereiro!

Hein? Não se esqueçam! Morrer por morrer, morra o meu pae, que é mais velho. Se não caçardes, sereis caçados, e a valer. Não esqueça, amigos policias, não esqueça!

O safadissimo biltre que se chama Marinha de Campos pode injuriar o rei, pode berrar por barricadas, pode incitar o povo á revolução, fazendo alarde dos seus galões de official pintado. Mas um pobre policia honesto e patriota não pode votar... n'um candidato da monarchia.

Não esquecer, amigos! Não esquecer! Em chegando a hora, é tirar *essa barriguinha de miserias.*

Não esquecer!

## Fez o nome verdadeiro!

Ora até que emfim! Ei-lo ahi... Cabrito Macho! Até aqui não passava d'uma *blague.* Mas ei-lo emfim... Cabrito Macho. O Pad-Zé esbugalhou os olhos da Eternidade!

Diz a *Lucta*, de quarta feira:

No *Districto de Beja* foi insultado o nosso director, que na segunda feira ultima ajustou as suas contas com um cavallo marinho.

Como procedeu agora, procederá sempre, em circumstancias identicas, seja qual for a cathegoria do insultador.

Unicamente distinguirá algumas vezes, para a effectivação da responsabilidade, entre o mastim que ladra e morde e o miseravel que o tiver assoldadado para essa torpeza de vida.

E com respeito á *browning*, guarda-a para memoria.

Bravo, valentaço, bravo! Passou da passiva para a activa? Já não grama? Agora é que você triumpha, Cabrito Macho! Mas olhe lá, deite melena e arranje uma moça... ahi para o Bairro Alto. Sujo já você andava. Mas ainda bem que viu... que não bastava. Arranje uma moça, deite melena, e resolvido, emfim, a ser brigão, e sendo você mais intelligente, como é, que os rivaes, mette os do *Mundo* pelo chão abaixo.

Agora, sim, Cabrito Macho!

Isto é a sucia mais reles que tem parido a humanidade!

Ainda ha dias nós liamos no *Temps* um bello artigo a demonstrar que um dos caracteristicos mais accentuados da *animalidade*, por conseguinte da *inferioridade*, é o espirito brigão. Ha só um orgulho para o *apache*: o orgulho de valentão. Por isso o mesmo *Temps*, fundado n'essa exacta observação, pede a pena do chicote, como a unica capaz de metter medo, porque lhe fere o orgulho, ao *apache*. Eu lia, e dizia: *E é esse espirito brigão, realmente demonstrativo de uma grande inferioridade, o que domina*

*agora em Portugal. Vivemos em pleno regimen de "apaches„ !*

Até o Camacho!

Receba os meus parabens, Camacho, e já sei que tambem tenho de largar a minha *browning* . . . nas suas mãos.

Ninguem o tem injuriado mais do que eu. Estou disposto a continuar. Agora ainda mais! E como você vae proceder, de futuro, como procedeu em Beja, *seja qual for a cathegorta do insultador*, já me não vale de nada ser... *desqualificado.*

A não ser que você proceda como na questão... de deputado! Eu já o vi a você declarar terminantemente que não voltava á camara. Cem vezes tem escripto que lhe mette nojo a camara e que está farto de ser deputado. E você sempre na camara e sempre . . . deputado!

A não ser que você dê em vasa barris como valentão, como tem dado como catão, aqui o tenho qualquer dia, pela prôa, para me levar . . . a minha pobre *browning.*

Que parlapatão! Que farçante!

A mim nunca elle me enganou, o illustre *pulha de bem !*

**Perguntam-nos porque é que não perguntámos ao Trilho, ao honrado Carlos Trilho, pela "Regina„, e pela "Santolia Cosida„.**

**Pelo mais simples dos motivos: porque estavamos á espera que o Camacho assentasse praça... de brigão.**

**Agora, que elle é camarada, e não já, sómente, collega, do jornalista Carlos Trilho, é que nós vamos fazer historia completa da republica.**

**E' natural que o Trilho, que tem muitas, ceda a "Santolia Cosida„ ao Camacho.**

**Vamos a vêr.**

**E' esperar uns diasinhos, não tenham pressa. E na hora propria sahirá a fita cinematographica da republica, ou a "Historia dos quadros vivos da democracia em Portugal.„**

# Tudo perdido!

Os progressos, o avanço da onda revolucionaria, só pode surprehender um homem inculto e um homem insensato. Só quem não tiver lido a *Psychologie des Foules*, de Gustavo Le Bon, livro excellente do qual já traduzimos, em tempo, successivos capitulos no *Povo de Aveiro*, *L'Opinion et La Foule*, de Tarde, *La Névrose Révolutionnaire*, de Cabanés, e não tiver senso para reconhecer, olhando para os factos que o cercam e os factos da historia, que esses livros dizem grandissimas verdades, se pode admirar dos successos que uma formidavel quadrilha de bandidos está obtendo em Portugal.

Estamos em face d'uma grande *troupe* d'assassinos e ladrões. Peores que assassinos, peores que ladrões. Ainda ha assassinos e ladrões que teem linha, aprumo, na sua cathegoria d'assassinos e ladrões. Não é só uma grande *troupe* de assassinos e ladrões. E' uma grande *troupe* de formidaveis pulhas. Acima de tudo, formidaveis pulhas. E, não obstante, triumpham. Porque? Lá o disse Gustavo Le Bon: porque... *dans les foules, c'est la bêtise et non l'esprit, qui s'accumule.* Lá o disse Tarde: porque... *les foules sont folles.*

*Elles ne sont pas seulement crédules, elles sont folles.*

Eis ahi! Eis ahi!

Não é o espirito que se accumula nas multidões, é a estupidez. As multidões não são credulas, simplesmente. São loucas!

Isto, que é rigorosamente verdadeiro, diz tudo.

Que é rigorosamente verdadeiro! Prova-o a experiencia da vida a cada instante.

Não quer dizer nada, absolutamente nada, a palavra republica. E' um palavrão que, por si só, não vale nada. Tanto pode traduzir liberdade como tyrannia. Tanto pode traduzir justiça e bondade çomo iniquidade e crueldade. Pode ser virtude e pode ser infamia. Mas tornou-se um dogma. E desde que se tornou um dogma tem a força do talisman.

No fundo de tudo isto ha a religiosidade, ha o fanatismo, como muito bem demonstrou Gustavo Le Bon. Nós admiramo-nos de triumpharem aqui bandidos sem nenhum merecimento intellectual e nenhuma qualidade moral, ao passo que em França triumpharam Marat, Robespierre, e outros, que, no meio dos seus crimes, eram, ao menos, homens d'uma grande capacidade, d'uma absoluta sinceridade e d'uma extraordinaria probidade. E' que, como o mesmo Gustavo Le Bon lucidamente o demonstrou, sendo as mesmas as leis geraes das multidões, ha sempre uma variante: a que provem da raça.

A França produz illuminados. Portugal produz fanaticos brutaes. A França produz homens de idéas. Portugal produz bandidos de bacamarte e sacco. Em França morre-se por um principio. Em Portugal só se morre a disputar a presa.

E' a differença da raça.

A raça franceza tem um fundo de finura, de delicadeza moral e intellectual que falta inteiramente á nossa raça. Em nós reapparece sempre o egoista, o boçal, o porco cevado. O nosso prazer é comer, é refocilar. Mais nada. Somos o morgado auctoritario, violento, que quer satisfazer por todos os meios os seus instinctos e desejos bestiaes. Para quem tanto vale, ou mais vale ainda, a moça de lavoira de pé rachado que a dama mais elegante e mais espiritual. Somos o inquisidor feroz, para quem a razão ou o ideal são figuras que se erguem do inferno a vomitar, entre lavas e pavores, o peccado mortal.

As raças latinas não se governam como as raças do norte, mas, dentro da propria raça latina, Portugal e Hespanha já se não governam como a França e a Italia. E' isto o que não vê a grande, a formidavel imbecilidade monarchica. Se, n'um paiz em que se apagou todo o sentimento, toda a intelligencia, toda a noção da realidade, porventura, a começar no rei, ainda ha monarchicos.

O que me surprehende, o que ha de surprehender todo o mundo culto não é, repito, o avançar da onda revolucionaria. E' a formidavel, a pavorosa imbecilidade dos que apparecem a querer tomar-lhe o passo.

A onda avança, mas avança tanto mais quanto maior a fraqueza que encontrar. Para a demagogia não ha concessões, não ha transigencia, não ha processos de razão. Ha só processos de lucta e de combate, por isso mesmo que ella é o combate cego, *à outrance*, feroz, desordenado.

A monarchia democratica, que só pode subsistir com povos n'um grau já elevado de civilisação, com o seu caracter e o seu intellecto adaptado ás conquistas da liberdade, que, por isso mesmo, é um facto na Inglaterra, na Hollanda, na Belgica, na Noruega, na Suecia, na Dinamarca, que já consegue alguma coisa na Italia, é uma perfeita cantata em Portugal. Aqui a monarchia, que está morta, sem descambar na tyrannia, sem fugir ás liberdades fundamentaes das modernas sociedades, só pode subsistir alliando uma grande energia, uma atilada, mas decidida força de resistencia, a uma administração honrada. Se recua deante das feras, qual domador pusillanime, das feras que só lhe podem ter medo, que só pelo medo deixarão de a devorar, está, desde já, anniquilada.

A monarchia está morta. Não somos nós que temos, que jámais tivemos, a esse respeito, illusões de qualquer ordem. E porque as não temos, nem tivemos, e porque não somos monarchico, não é para a salvar que, arriscando a nossa vida, attrahindo odios terriveis sobre nós, temos feito um esforço colossal. E' porque, se a monarchia morrer desde já, a morte da patria é, tambem, inevitavel.

Ainda foi Gustavo Le Bon quem deu a idéa nitida da resultante da lucta travada entre o futuro e o passado,

Dois factores, como elle diz, dois factores fundamentaes, estão na base da transformação que se prepara. Um é a destruição das crenças religiosas, politicas e sociaes d'onde derivam todos os elementos da civilisação actual. Outro é a creação de condições d'existencia e de pensamento inteiramente novas, como consequencia das modernas descobertas scientificas e industriaes. Comtudo, sendo muito poderosas ainda, embora já meio destruidas, as idéas do passado, e estando ainda em via de formação as idéas que as hão de substituir, a edade moderna representa um periodo de anarchia e transição.

Se isto é verdade em relação ao grande conflicto travado nas sociedades cultas, nas quaes já surgem, ao menos, forças orientadas e disciplinadas, muito mais o é em relação a este incidente minusculo da vida portugueza, onde verdadeiramente se não debatem problemas politicos e sociaes, onde verdadeiramente não ha um factor de futuro a defender uma sociedade nova em opposição á velha sociedade, mas apenas, dentro d'uma burguezia e d'uma burocracia dissoluta, em que o povo serve de comparsa inconsciente, um conflicto de interesses meramente estomacaes. E' uma bulha porca de dispenseiros, copeiros e thesoureiros dentro d'uma casa, ainda rica e poderosa, mas de morgado incapaz, moralmente, intellectualmente incapaz, e, materialmente, já muito decadente e arruinado.

Todo aquelle que tiver força de caracter e de intelligencia para se sobrepor a essa bulha porca, só um dever intelligente, só um dever espiritual, só um dever patriotico, e, até, só um dever democratico, tem a cumprir: dar tempo a que se forme, n'esse tumultuar de paixões, uma consciencia nacional. D'outra forma a anarchia que fatalmente resulta do triumpho demagogico, muito maior ainda que a anarchia do momento actual, essa anarchia scientificamente esclarecida por Gustavo Le Bon, e aqui, n'este pequeno canto do occidente da Europa, aggravada por um terrivel espirito de banditismo, apanagio e hereditariedade de raça, por uma formidavel incapacidade dirigente, governativa, que tambem parece apanagio e hereditariedade de raça, pois ha seculos seguidos que é um facto, produzindo, com mais de trezentos annos de densa ignorancia, uma massa d'estupidez accumulada, de outra forma a anarchia, que fatalmente resulta do triumpho demagogico, será tão desordenada, tão dissolvente, tão profunda, que esta patria sossobra.

Para guiar esta nau, amanhã, atravez da Europa egoista e revolta, amanhã, depois de rota esta teia d'aranha que nos envolve e nos segura sobre o abysmo, mercê d'aquelle *statu quo* que é um facto psychologico, muitas vezes difficil de explicar, antes de ser um facto diplomatico facilmente explicavel, são precisas as mais altas intelligencias e e os mais solidos caracteres.

Onde estão ellas? Onde estão elles? Onde, apesar de tanto *grande parlamentar*, tanto *grande orador*, tanto *grande jornalista*, tanta miseria, tanta canalha, que só a propria miseria, que só a propria canalha, que só a prostituição, o aviltamento d'esta terra, consegue fazer grande?

Com uma crise financeira gravissima, com uma crise economica muito séria, e que resulta da nossa ignorancia profissional, do nosso desamor ao trabalho, do nosso espirito fidalgo, da nossa mania do emprego publico e da politica, emfim, do nosso atraso, com uma tremenda crise colonial, tudo assente n'um cerebro e n'uma alma popular embrutecido e desmoralisada, inteiramente insusceptivel de ser um elemento d'apoio, de estimulo para uma salutar reacção, n'uma palavra, de correcção, quem é ahi capaz de ter mão firme, atravez da cupidez extrangeira e da cupidez nacional, sob o bando, a nuvem de corvos que adejam sobre esta patria, mettendo proa á tormenta que de ha muito nos ameaça, quem é ahi, quem ha ahi, capaz de ter mão firme no leme da decantada nau do Estado?

Ninguem! E de tal forma, que só uma coisa tem causado até hoje pavor aos revolucionarios: essa hypothese!

Aulard, na sua magnifica *Histoire Politique de la Révolution Française*, cita o terror que se apoderou da França ao ter noticia da fuga de Luiz XVI. *La nation se sentit abandonnée, orpheline. Il lui parut que le roi avait emporté avec lui un talisman préservateur.*

Os doutores Cabanès et Nass, no seu livro interessante, já citado, *La Névrose Révolutionnaire*, registam o mesmo phenomeno psychologico:

*La société révolutionnaire ne saurait mieux être comparée qu'à une troupe de collégiens qui ont trompé la vigilance de leur surveillant et se sont sauvés dans la campagne: ils jouent, ils chantent, ils rient, hereux de leur liberté, fiers d'agir comme des hommes; mais bientôt le soir baisse, une vague inquiétude les gagne,—l'inquiètude de l'inconnu,—puis la peur les étreint: ils se regardent, se rapprochent, et tout à coup dévalent en hâte vers le collège, où les attendent les remontrances et le châtiment, mais où du moins la sécurité leur est garantie.*

Dada a fraqueza ignobil da monarchia em Portugal, só isso a tem salvado.

João Chagas mettia-se na Relação do Porto quando se approximava o dia tremendo do 31 de Janeiro. Alves da Veiga e Santos Cardoso escondiam-se, pallidos, n'uma cloaca. Toda aquella cambada, depois de encerrada nas prisões, se retrahia, se encolhia, se desfazia em desculpas, se retratava, rastejando, asquerosos, como lacraus.

O *grande parlamentar* não se preparava para triumphar em 28 de janeiro. Preparava-se para fugir. Disfarçava-se! Cortava as barbas!

O Brito Camacho, e outros, correram a casa de José Luciano na noite da morte do rei, ou no dia immediato, a combinar . . . a *manutenção da ordem!*

Não é só a covardia physica. Elles são covardes. Só teem aquella coragem das multidões, ou de *cão ao pé da porta*, que Le Bon tambem define com a lucidez habitual. Elles são covardes. Mas alem da covardia physica, pesa sobre elles a força terrivel das responsabilidades. E, transidos de medo, hesitam, recuam, apavoram-se, na hora solemne de descarregar o golpe.

Não teem a nobre coragem, nem rasgo d'intelligencia para clamar: «E' cedo! Ainda não chegou a hora!» Mas, ratos de canos d'exgotto sociaes, baratas immundas da cosinha nacional, amedrontam-se no momento em que vae cahir o edificio que elles minaram e ficam-se, a observar: *Se isto cahe, esmaga-nos!* Corajosos e audaciosos para todos os actos d'arruaça, são pusillanimes na hora decisiva, no momento propriamente revolucionario.

Era esse momento de fraqueza, de receio, de recuo, que a monarchia devia ter aproveitado em cima da morte de D. Carlos. Era esse momento de fraqueza, de receio, de recuo, que a monarchia devia ter aproveitado n'outro dia, depois do crime de Cascaes e em cima da descoberta das *associações secretas*. Em vez de o fazer, correu a offerecer a tabua de salvação aos seus adversarios. Quer dizer, debatemo-nos entre duas covardias, a covardia republicana e a covardia monarchica. E da lucta d'essas duas covardias só resulta uma coisa certa: a desastrosa queda d'esta patria.

Não é por terem triumphado os republicanos em Lisboa que nós julgamos perdida a monarchia. Não é pela hypothese do advento da republica que nós julgamos perdida esta patria. E' pela ausencia completa das qualidades que podem dar força a um governo, seja elle qual fôr, e salvar uma nacionalidade.

**Aos nossos agentes de venda, cujas liquidações se fazem mensalmente, novamente lembramos que essas liquidações se encerram no dia 5, impreterivelmente.**

# O' meu rico D. Manuel!...

Os republicanos, os dissidentes e os *gatunos* voltam a metter medo ao rei com o Buissa. E o rei... *mija-se!*

Perdoem. Mas eu não conheço outro termo tão significativo.

O' meu rico D. Manuel, venha para aqui, que eu vou para ahi! Só por um anno, D. Manuel! Eu n'outro dia pedi-lhe seis mezes. Mas reflecti. Seis mezes é pouco. Um anno!

Juro-lhe que no fim d'um anno lhe restituo o throno! Juro-lh'o! Eu não quero ser imperador. Não tenho estofo para isso.

Venha para aqui, D. Manuel, que eu vou para ahi. Quem sabe? Talvez que, aqui, no meu logar, a manejar esta penna, perca o medo. Venha para aqui, D. Manuel, que eu vou para ahi! Eu vou fazer frente aos *Buissas!* Eu vou-me bater com os *Buissas!*

Elles dizem que os *Buissas* ainda não acabaram? Que bella coisa! Oh, que prazer eu não teria em me bater, do alto d'esse throno, com os *Buissas!*

E não me matavam! Já lh'o disse n'outro dia: não me matavam!

Sim, D. Manuel, sim, não me matavam!

Eu não sou valentão, já lh'o disse tambem. Tambem não sou fanfarrão. Se é preciso, offereço o corpo ao castigo. Se não é preciso, livro-me.

Ora eis o meu systema.

Eu guardava-me, se fosse rei, muito bem guardadinho. Oh, se me guardava! Não fazia como seu pae, não. Seu pae não era covarde. Mas era um fanfarrão!

Eu guardava-me, se fosse rei. Não sou? E' como se o fosse. Imagino sempre, quando me deito, que tenho em volta da casa um *parque d'artilheria*. E imagino sempre, quando sáio á rua, que levo em volta de mim... *um esquadrão de cavallaria*. E assim consegui não ter medo nenhum.

Imagine V. M. que é um... *blindado*. E perde o medo!

Venha para aqui, Senhor, que eu vou para ahi! E esborracho-os! O Affonso Costa, então, não corta as barbas. Disfarça-se em bode. Mas nem assim ha de fugir!

Eu esborracho-os! Alpoim estoira como uma granada... de 32. Não torna a falar no Buissa! Outra jura, meu Senhor. Oiça: quando elles me matarem, já os hei de ter... *trincado vivos!*

Que vergonha, um paiz á mercê d'isto!

# Admiraveis bandidos!

N'um artigo publicado pelo orgão da prostituição official no *proprio dia das eleições*, domingo ultimo, faz-se o balanço da mentalidade do povo portuguez. E n'elle se encontram estes periodos, que são a condemnação fulminante de tudo quanto vem dizendo, incessantemente, a mesma gazeta immunda, de tudo quanto dizem os miseraveis nos comicios, de tudo quanto o famoso Magalhães Lima anda dizendo no extrangeiro, emfim, de toda essa série d'infamias e mentiras que constitue a propaganda republicana.

Ora oiçam:

Em 1878 havia 3.751:705 analphabetos; em 1890 o seu numero era já de 4.000:927; em 1900 a massa ignorante ascendia a 4.261:336. Habituados ao meio analphabeto, o não saber ler não tem já para nós o alcance deprimente que na realidade possue. Se adeante d'esse misero productor da riqueza estiver armado um laço, garantido por um aviso, elles, ignorando a lettra do aviso, cahirão no laço; se tiverem ao alcance da sêde um frasco de sublimado, embora o rotulo previna do seu conteúdo, elles não comprehenderão o rotulo, e beberão, como se fosse agua; se na fabrica estiver exposto o algarismo do salario, o regulamento do trabalho, a convocação da associação, em summa, a lei do Estado, que os protege, elles cahirão sempre resignados sob o arbitrio, porque ignoram a lettra redonda em que está escripta essa lei, abaixo, muito abaixo, da qual jazem perdidos, como gado inconsciente, como o preto selvagem, como o surdo, como o cego!

Que póde contra a estagnação d'esses milhões de barbaros a propaganda? Não comprehendem o nome da lista, o principio que representa, o programma que defende, o orçamento que commenta, a promessa da felicidade. Vivendo de envolta com o animal, tão ignorante como elle, esse cidadão, a quem a Carta dá o direito de se representar, nem chegou ainda á consciencia de vender o voto: vae á urna, á força como o operario de Vizella, por ordem do patrão, querendo prestar-lhe assim um serviço a que é obrigado pelo salario que lhe permitte viver de fome. A percentagem do analphabeto, repetimos, é ainda um dos processos de que o Estado se serve, para mais seguramente nos explorar, convencendo-nos de que melhora a situação.

Como na capital a percentagem de analphabetos é de cerca de 50 por cento apenas (ainda assim maior do que a do pretos da colonia do Cabo), a da provincia, baluarte do throno e do altar, do cacique monarchico e do feiticeiro da superstição, é, em regra, de 88 por cento, havendo pontos onde attinge 93 por cento, e até a totalidade da população! Em Lisboa, por exemplo, a assembleia eleitoral de Santa Justa (egreja de S. Domingos), onde a ferocidade monarchica commetteu a chacina de 5 de abril, tem apenas 29 por cento de analphabetos, havendo sómente 26 por cento na freguezia de S. Nicolau, que alli vota! Quem representa, pois, o sentir da nação? Essa gente culta da Baixa, ou o *cidadão*, que não chega a comprehender os signaes de tinta do pedaço de papel que deita na urna, como expressão da sua soberana vontade? Esses cidadãos, que a livre America repelle, do seu territorio, servem de base a quadrilhas, organisadas como a Mafia e a Camorra, para devorarem o Trabalho d'esses escravos brancos, com mais crueldade que os negreiros, contidos pela vigilancia da Inglaterra.

Mas o intrujão do Magalhães Lima, que só um grande intrujão, valendo tanto como Ribas de Avellar, Padua Correia, Arthur Leitão, finalmente, todos os pulhas da republica, é capaz de mentir redondamenie á sua consciencia, mas o intrujão do Magalhães Lima não hesita em propagar no extrangeiro que a nação portugueza é *inteiramente republicana*, e que se a urna fosse livre ella não hesitaria em fazer proclamar bem alto a republica. Mas os miseraveis pulhas a toda a hora repetem em Portugal o que o intrujão do Magalhães Lima a toda a hora affirma no extrangeiro. E afinal o *cidadão*, **o glorioso cidadão que está ancioso pela republica,** é uma especie de **gado inconsciente,** que nem sabe distinguir a mão direita da esquerda. E' um **cego,** um **surdo,** um **preto selvagem,** um **macaco.** São elles proprios que o dizem. Grandes miseraveis!

O cidadão, o glorioso cidadão *que proclamaria a republica immediatamente se a urna fosse livre,* **vive d'envolta com o animal e é tão ignorante como elle.** O glorioso cidadão **nem comprehende o nome da lista, o principio que representa, o programma que defende. o orçamento que commenta, a promessa da felicidade.**

Elles sabem-no, os malandros, elles dizem-no, os bandidos, e, não obstante, não cessam de proclamar que **é sua a consciencia nacional!**

Elles sabem-no, elles dizem-no, os grandes pulhas, e, não obstante, não teem o menor escrupulo em enganar o **gado inconsciente,** o **animal,** o **selvagem,** o **preto,** promettendo a toda a hora a **felicidade com a republica.**

Andam todos anchos com o seu triumpho de Lisboa, proclamam-no aos quatro cantos do universo, intimam á monarchia, arrogantes, mandado de despejo, e confessam, cynicos, que o *cidadão da Baixa* como elles mesmos, ironicamente, o denominam, *cidadão que lhes deu o triumpho de que tanto se ufanam*, o cidadão da freguezia de S. Nicolau e da fregnezia de Santa Justa, **nem chega a comprehender os signaes de tinta do pedaço de papel que deita na urna, como expressão da sua vontade soberana.**

Oh ... grandes pulhas!

O auctor do artigo quer demonstrar que não tem valor nenhum a votação obtida no paiz pela monarchia. Mas demonstrou — sestro d'elles todos quando escrevem ou quando falam — precisamente o contrario.

Essa votação representa, ao menos, uma força. E uma grande força. Por emquanto, a unica força do paiz.

Essa votação representa o padre, representa o militar, representa o grande industrial, o grande commerciante, o grande lavrador, o alto burocrata. Essa votação é o elemento dirigente. Essa votação, n'uma palavra, é o paiz. Por emquanto, não temos outra. Qual é a força republicana para oppor a essa força? E' a do **preto?** E' a do **mudo?** E' a do **cego?** E' a da pobre besta que vive **d'envolta com o animal e que é tão ignorante como elle?** E' a do **gado inconsciente?**

Essa votação, expressa genuinamente pelos eleitores do bloco, **é a unica força viva do paiz.** A que lhe oppõem os republicanos, como ahi fica aberta e solemnemente comprovado, não representa coisa nenhuma. E essa votação acaba de ser a condemnação flagrante não só dos republicanos como da propria . . . *monarchia cricaL*

A expressão clara de que o paiz não quer *meios termos.* Isto é, confusões, amalgamas, n'uma palavra: choldras.

Quer um governo definido. E um governo de repressão. E um governo de ordem.

São os proprios republicanos que implicitamente o reconhecem.

O orgão official da prostituição amedronta-se com a nomeação do sr. Vasconcellos Porto para ministro da guerra.

No seu *diz-se*, diz todos os dias que o rei o quer para ministro da guerra, e que mais assim e mais assado.

Quando a gazeta immunda repete muito uma coisa é quando... sente tubarão pela frente.

Fica-se sabendo que Vasconcellos Porto... espanta elles!

**Tornamos a pedir a todos os nossos assignantes o favor de indicarem sempre nas suas reclamações o numero da cinta.**

# O Bombarda

Lê-se no orgão official da prostituição:

«Os pasquins do *bloco predial* contiuuam a ferir uma estafada e estupida nota de facciosismo, occupando-se da recente fuga de cinco alienados do hospital de Rilhafolles, para, com esse fraco pretexto, atacarem o nosso illustre correligionario sr. dr. Miguel Bombarda, já que não teem na vida particular e politica do valoroso deputado por Lisboa a mais pequena macula a que possam apegar-se.»

Ora essa! Então quem roubou o boi do hospital?

Então quem roubou o microscopio do arsenal cirurgico?

Então quem rouba os empregados?

Então quem seduz as empregadas?

Bombarda não tem culpa do filho ser um degenerado? Não. Mas tem culpa de o deixar andar á solta, a commetter todas as tropelias, dentro do hospital. Mas tem culpa em o deixar sahir do hospital. Desde que consente esse facto, é elle o responsavel.

Das duas, uma. Ou o filho é doido, ou não é. Se é doido, exerce-se sobre elle a vigilancia necessaria. Se não é doido, põe-se fóra do hospital.

Sabe-se que Bombarda não encerra o filho no hospital senão quando elle commette crimes graves. Mas ao passo que outros criminosos lá ficam eternamente, o filho é posto fóra, logo que fica isento da responsabilidade criminal. Mas ao passo que os outros doidos soffrem martyrios e crueldades de toda a ordem, como as que descreve na carta que publicámos no domingo o Adriano de Miranda, *e que nos dizem ser absolutamente verdadeiras*, o filho anda solto por dentro do hospital, e roubando o boi, e roubando o arsenal cirurgico, e roubando os empregados, e seduzindo as empregadas, e fazendo tudo quanto á sua tyrannia de doido ou de malandro lhe aprouver. E ai do empregado que se atreva a fazer queixa ao senhor seu pae!

Pois isto é serio? Pois isto é digno? Pois faz isto um homem honrado?

E é ou não certo que Bombarda metteu no hospital o marido da sua amante, sendo obrigado a abrir-lhe a porta pelos amigos de desgraçado, senão lá ficaria elle para sempre sepultado?

E diz que é um homem honrado!

Um bandido, é que elle é!

Mas independente de tudo isso, dissémos, dizemos e diremos: *Esse homem é uma vergonha, uma grande vergonha, á frente d'um hospital d'alienados. Em paiz nenhum* se assistia a esta vergonha de ficar muda a imprensa, de ficar muda a Escola Medica, de ficar muda a *Sociedade das Sciencias Medicas*, de ficar muda a Direcção Superior dos Hospitaes deante das arbitrariedades, das iniquidades, das crueldades, dos desvarios, das loucuras, das infamias commettidas por esse homem.

E quem tem a culpa... é o reaccionario.

Paiz de pulhas!

Mas sobre isso e sobre o cidadão havemos ainda de conversar.

# Os jasuitas

Bravo! Cá estão elles, outra vez, com os jasuitas ás voltas! Os jasuitas, afinal, são o bode expiatorio!

Chama-lh'o, antes qne t'o chamem!

Lá vae o Ribeira Brava, lá vae o Arroyo, lá vae o Centeno, lá vae o Soiza, lá vae o Affonso Costa, lá vae o Alexandre Braga, lá vae toda essa enorme recua de patifes, rua abaixo, correndo e gritando: *Agarra, agarra, que é ladrão!* E o pobre Zé, esbaforido, atraz d'elles, grita tambem: *Agarra, agarra, que é ladrão!*

Grande sucia, grande sucia de malandros!

Vinde cá, malandrões, e dizei: foram os *jasuitas* que crearam, educaram, formaram, o Soiza d'Alijó, o Zé Gatuno, o Ribeira Brava, o Centeno, o Arroyo, o Alpoim, o Alfredo de Magalhães, o Affonso Costa, o Terenas, o Arthur Leitão, o Padua Correia, o Santos Cardoso, o Trinta, o Ribas d'Avellar, o Bombarda, o Julio Ribeiro, o Alberto Silva, tantos e tantos gatunos, tantos e tantos bandidos, tantos e tantos pulhas, que manobram em nome da *libardade?*

Não. Quem os creou, quem os educou, quem os formou, foi a *libardade.* Então que differença ha, afinal, entre *jasuitismo* e *libardade?*

Nós julgavamos que só o *jasuitismo* era a fonte do mal. Mas se tambem o é a *libardade,* não é de D. Quichote investir contra o *jasuitismo* em nome da *libardade?*

Guerra ao *jasuitismo,* muito bem, se o *jasuitismo* é a escola do vicio, da hypocrisia, do crime, da infamia. Mas se nós vemos que todos esses tratantes citados vieram da *libardade,* e tantos, e tantos outros como elles, não é iniquidade, alem d'asneira, consumir vidas e esforços contra uma coisa, quando a opposta nos dá o mesmo ou peor resultado?

O mesmo resultado! E' isso, precisamente, que falta averiguar.

Nós não queremos attribuir á *libardade* a responsabilidade dos bandidos. Deus nos livrasse de tal. Mas a verdade é que no campo reaccionario não ha um só dos grandes bandidos que avultam no campo *libaral.* Um só!

Quem é o Ribeira Brava, quem é o Arroyo, quem é o Centeno, quem é o Affonso Costa, quem é o Zé Gatuno, quem é o Teixeira de Souza, quem é o Alexandre Braga do campo reaccionario? Dizei, bandalhos! Por uma creatura reaccionaria pervertida, o liberalissimo, presentemente, tem cem em Portugal. E da estatura do Arroyo e dos que ficam citados, homens eminentes no seu meio, não ha um só no campo reaccionario.

Um só!

Os do campo reaccionario serão da estatura Margarido ou do Rivas d'Avellar. Mas por um d'esses, repetimos, ha cem, ha mil, no campo da *libardade.*

Miseraveis, que vos havemos de esmagar com a verdade!

Quer isto dizer que é o *liberalismo* que produz essas monstruosidades? Não. Quer dizer que é uma impostura, uma especulação infame, combater o jesuitismo a titulo de ser elle a causa da depravação da humanidade.

Arre, pulhas, que até este braço cahir inerte ha de combater essa hypocrisia das formulas, essa mentira das seitas, essa charlatanice, refinada charlatanice dos palavrões.

A mim não me intrujam vocês, deixae estar. Não ha de ser á custa da minha bacoquice que vocês hão de tramar.

O que vos doe é o enorme serviço que os padres acabam de prestar á honra d'esta terra, á santa causa da moralidade.

Arre, ladrões! O que fizeram os padres, ladrõs? Tomaram logar honrado entre os que combatiam os grilhetas, os bandoleiros, os pulhas, que querem acabar de sugar esta patria desgraçada?

Arre, ladrões!

Dizei lá, ladrões: quem é o Ribeira Brava, quem é o Zé Gatuno, quem é o Centeno, quem é o Teixeira de Souza, quem é o Arroyo, quem é o Affonso Costa, quem é o Alexandre Braga entre os padres?

Dizei lá, ladrões!

Ladrões! Ladrões! Que o vosso desespero é ter apparecido, emfim, quem vos faça frente, dando-vos, resolutamente, nas ventas para traz.

O que fizeram os padres? Onde está a obra nefasta feita pelos padres? Onde está o dominio clerical? Onde estão os attentados á liberdade feitos pelos clericaes?

Fóra com essa impostura! E vingue a verdade!

Os padres defendem o privilegio da sua classe, é claro. Mas sem nenhum prejuizo grave, por emquanto, para a causa da liberdade. O seu crime é ter combatido os ladrões. E' ter luctado vigorosamente contra a indisciplina, contra a anarchia, contra a formidavel pouca vergonha em que se afunda esta patria.

Abençoados padres!

# E' assim mesmo

Com muita razão diz o *Liberal:*

"Cantam os republicanos uma grande e esmagadora victoria em Lisboa na eleição de domingo ultimo.

Ora vamos a contas que é assim que se tiram as teimas e para isso, servir-nos-hemos dos numeros do *Mundo* com licença do sr. Teixeira de Sousa, seu amo.

Temos então para os dois circulos completos:

**Votantes**—20:868 mais 23:473, egual a 44:341.

Candidatos mais votados:

**Republicanos**—10:981 mais 10:334, egual a 21:325.
**Monarchicos**—9:702 mais 12:673, egual a 22:375.

Isto quer dizer: Se o governo não fosse traidor á monarchia e se não tivesse apresentado a sua lista contra a colligação, para a esmagar, a victoria seria da monarchia, que obtinha nos dois circulos de Lisboa uma maioria de cerca de 1:100 votos.

Mas n'este calculo, incluimos os concelhos do districto, isto é, os circulos eleitoraes completos.

Analysaremos a votação da cidade de Lisboa. Temos:

**Votantes**—12:585 mais 12:017, egual a 24:602.

Candidatos mais votados:

**Republicanos**—3:763 mais 7:212, egual a 10:975.
**Monarchicos**—4:444 mais 4:592, egual a 9:036.

Ha, portanto, dentro da cidade, uma maioria dos republicanos sobre os monarchicos, de 1:939 votos. E então o numero de partidarios da monarchia que esse governo *gatuno* mandou passear por esse paiz fóra,—para não votar?

Deixemos, porém, isso. O facto evidente é este: a cidade de Lisboa tem a mais sobre os monarchicos 1:939 votos republicanos.

E é claro para gritarem que por este motivo o paiz é d'elles?! Grandes sonhadores são os portuguezes, eternos apaixonados das cantigas á guitarra!

Já agora, vamos até ao fim, continuando a servir-nos dos numeros do *Mundo,* para que não haja barulho.

Restam-nos os concelhos do districto e temos;

**Votantes**—8:283 mais 11:456, egual a 19:739.

Candidatos mais votados:

**Republicanos**—3:078 mais 3:122, egual a 6:200.
**Monarchicos**—5:774 mais 8:247, egual a 14:021.

Aqui, então, a differença esmaga os 1:939 do barrete phrygio. São 7:821 votos da maioria sobre os republicanos.

E aqui está!

Não ha nada mais terrivel do que a arithmetica para deitar prosapias a terra.

# A eleição de Lisboa

Como dizemos em artigo de fundo, esperavamos o triumpho completo dos bandoleiros republicanos em Lisboa. E julgamos que o esperava todo o mundo. Esperar o contrario era asneira, dada a força conhecida dos bandoleiros na capital e desde que appareciam duas listas monarchicas a disputar o suffragio dos eleitores.

Esse ponto, pois, não se discute. Os bandoleiros exploram-no. Mas a verdade é que não é motivo para admiração e muito menos para sensação. Sabem elles, e sabe-o toda a gente, que nem no circulo oriental nem no circulo occidental obteriam as minorias, se os monarchicos se colligassem e soubessem trabalhar. Nem em Lisboa, quanto mais no resto do paiz, elles dispõem ainda da maioria do corpo eleitoral. Nem em Lisboa!

Mesmo que seja reformada a lei eleitoral, mesmo que Lisboa, com as povoações annexas, constitua um circulo á parte, os republicanos perdem as maiorias logo que os monarchicos se unam e saibam fazer a propaganda.

Porque a verdade é que a eleição em Lisboa corre sempre *inteiramente abandonada* pelos monarchicos. *Inteiramente abandonada.* Este é o facto.

Os monarchicos não fazem reuniões, os monarchicos não fazem comicios, e nem sequer uma boa propaganda pela imprensa. Os comicios não seriam faceis pelos elementos de perturbação que os republicanos destacariam. Mas ficava-lhes ainda o recurso das reuniões eleitoraes nos seus clubs e o formidavel recurso da imprensa, dos manifestos, dos pamphletos, arma terrivel se a quizessem e soubessem usar com valentia.

E' indispensavel estimular, mesmo excitar o eleitor. Os republicanos manteem o seu eleitorado n'uma excitação permanente. E' o seu melhor recurso. Para isso não hesitam deante de coisa nenhuma. Serve-lhe o ataque pessoal, serve-lhe a mentira, serve-lhe a intriga, serve-lhe a calumnia, serve-lhe a infamia, serve-lhe tudo. Excitar, excitar, é o seu objectivo! E conseguem-n'o! E não recuam deante de nenhuma difficuldade para o conseguir! Entretanto o monarchico, que sem sahir da verdade nem da decencia tinha tanto por onde espatifar o republicano, fica-se de braços inertes, de cabeça pendida, desalentado ou indifferente.

O republicano é um patife. E' geralmente um canalha. Uma creatura abjecta, desde o mais alto até ao mais baixo. Dá motivo a uma propaganda intensa. A uma campanha sensacional. D'effeitos surprehendentes. Se os monarchiços agarrassem no Bombardino, no Affonso Costa, no Alexandre Braga, no Bombarda, no proprio Antonio José d'Almeida, compromettido por uma cumplicidade escandalosa, e por manifestas patetices, em todos elles, emfim, que nenhum foge a uma solidariedade ignominiosa, desfaziam-nos. Tinham n'elles todos os elementos de sobra para enthusiasmar, excitar, attrahir á urna o eleitor.

Contra o republicano só é efficaz o processo que emprega o *Povo de Aveiro.* Se nós, sósinho, n'uma folha semanal, temos conseguido levantar o espirito publico, insuflando-lhe contra o republicano energia, decidida energia, o que não conseguiriam os jornalistas e politicos monarchicos, com a força da sua solidariedade, com os recursos materiaes e moraes de que dispõem, se fossem homens para isso!

O republicano não se combate senão como nós o combatemos.

Quando outra coisa não conseguissemos, conseguiriamos, mesmo antes da hora do triumpho, anniquila-los moralmente. E já o conseguimos. Serviço importantissimo, que vae fructificando, mas que só produzirá os seus verdadeiros resultados quando chegar a hora opportuna.

Se o monarchico fizesse isso, se tivesse mais alguma audacia e mais alguma energia, e se, nas occasiões perigosas, pozesse de parte rivalidades e despeitos pequeninos, o republicano nem teria vencido, nem viria, por emquanto, fosse qual fosse a reforma eleitoral, a vencer em Lisboa. E tanto que nem mesmo com todo esse desleixo, toda essa passividade, toda essa indifferença do monarchico elle teria, sem as duas listas, obtido a maioria.

E de quem foi a culpa das duas listas? Do governo. Sem duvida.

Como sempre temos dicto, nem somos nacionalista, nem franquista, nem progressista, nem temos má vontade aos regeneradores, senão pelas suas ignobeis ligações com os republicanos. Por isso mesmo, não temos o menor interesse em favorecer esta ou aquella facção, uma ou outra das quadrilhas. E sendo assim, não é por espirito opposicionista, mas por amor da verdade, que dizemos: *quem teve a culpa foi o governo.*

Esperava o governo, porventura, vencer em Lisboa as maiorias? Não esperava. Então, quaes eram os interesses que ia servir? Não eram, manifestamente, os interesses dos republicanos?

Mas o governo não queria *abaixar-se ao bloco.* Não lh'o permittia *o seu orgulho.* E era o *bloco,* expulso do poder por uma conspiração palaciana, em cima d'uma arruaça indecente, quem havia d'ir lamber as botas do governo? O bloco exercia uma represalia legitima. Elle é que tinha sido ferido, e cruelmente ferido, no ministerio progressista. E como tal, não era a elle, mas ao governo, que pertencia sanar, de qualquer fórma, o conflicto. Demais, são bem differentes as responsabilidades da opposição das responsabilidades do governo.

O governo não tem desculpa nenhuma. O governo sabia muito bem que apresentando lista por Lisboa ia dar as maiorias aos republicanos. E foi para isso e só para isso que a apresentou, quando os republicanos, já nas suas reuniões, nas suas conversas e nos seus jornaes o ameaçavam se não viesse a seguir esse caminho.

O procedimento do governo foi ignobil. Verdadeiramente ignobil. Abaixo d'elle, só o do rei, não o correndo a pontapés immediatamente.

Fosse eu rei, e tivesse um presidente do conselho as ligações indecorosas que Teixeira de Sousa tem tido com os republicanos, e atraiçoasse o seu dever até ao ponto de sacrificar os interesses monarchicos aos interesses republicanos, e eu mandava-o expulsar, do Paço, por meia duzia de lacaios, a chicote e a pontapé.

Os do bloco terão andado, n'esse caso de Lisboa, muito mal. Mas o governo andou indecentemente. E' a differença.

E fica assim arrumada a questão tão debatida da eleição de Lisboa.

# As eleições locaes

Em Aveiro abstiveram-se... metade dos eleitores. Quando nós sahiamos de casa para votar, era 1 e meia da tarde, já a votação... tinha findado.

Os republiqueiros, que não levariam 100 votos á urna, se os apertassem, ainda levaram 150. Não progrediram muito, porque mais de 100 já elles levavam ha 28 annos. Comtudo, poder-se-hia demonstrar que em vez de pequeno progresso teriam retrocedido. Mas os influentes progressistas andam todos de mal uns com os outros. Não se mexeram. E se continuam assim, d'aqui a pouco... desapparecem. Bem pode o sr. Conde d'Agueda acudir-lhes.

Entretanto, o bloco teve aqui uma grande maioria.

# E QUEM TEM A CULPA... E' O BLOCO?

O districto de Castello Branco foi aquelle onde as violencias attingiram maior gravidade. Houve ferimentos graves, e mortes.

Era fatal, depois da publicação da circular que se segue, dirigida pelo governador civil d'aquelle districto aos administradores do concelho. Documento bestial, que retrata admiravelmente aquella cavalgadura!

Leiam. E, depois de lerem, todos hão de concordar que a besta do governador civil antecipadamente preparava as desordens que ensanguentaram aquelle districto. Mas o culpado de tudo... foi o bloco!

"Das excepcionaes condições politicas em que se encontra o nosso paiz, estando os partidos militantes unidos e bem firmes n'uma tenaz opposição eleitoral e pela imprensa periodica contra o Governo, resulta estarem no auge da exaltação os homens de espirito irriquieto, e d'esta excepcional effervescencia é muito possivel que surjam conflictos pessoaes que, generalisando-se ás povoações, e capciosamente conduzidos, podem trazer uma alteração da ordem publica cujo alcance não é facil de prevêr, pela sua enorme extensão e simultaneidade.

N'este districto, e pelo que respeita ao acto eleitoral do proximo dia 28, ha mais a ponderar a circumstancia de que as opposições, pouco numerosas, mas aguerridas e apaixonadas, suppõem-se fortalecidas por terem do seu lado a influencia moral, e outras que derivam das presidencias das assembléas primarias serem da sua facção.

N'estas condições, cuja gravidade o esclarecido espirito de V. S.ª bem sabe apreciar, intervenho eu, com toda a minha auctoridade, no sentido de fazer respeitar a Lei e a Ordem, custe o que custar, indo até á effusão de sangue, se esse expediente cruel e lamentavel, fôr o ultimo meio de conseguir o meu fim, por entender que vale bem mais corrigir energicamente uma simples desordem em seu começo, do que deixa-la transformar n'um motim, com desacato da lei e dos cidadãos. Por isso, não recommendo sómente a V. S.ª se haja com muita prudencia como é costume em actos d'esta natureza, mas sim lhe recommendo muita prudencia e muita energia, usando judiciosamente da acção da força armada e empregando todos os esforços para que se cumpra a lei e se garanta a liberdade individual. Seja qual fôr o resultado da eleição, o que pretendo, e certamente se hade conseguir, é que ella decorra legalmente em todos os seus tramites, e que vença, afinal, quem tiver maior numero de votos.

A titulo de instrucção, lembro a V. S.ª a conveniencia de preparar, por si ou pelo delegado seu representante, nas sédes das assembleias eleitoraes, uma casa apropriada para servir de calabouço, ou cadeia provisoria, por ser impossivel dispor de tanta força publica quanta é necessaria para policiar e manter as prisões effectuadas.

Deverá tambem V. S.ª aproveitar o auxilio da corporação dos cabos de policia, para o que deve já organisar a respectiva relação, e ordenar sem demora aos regedores de parochia que os intimem para comparecer na séde da assembleia, reunidos á distancia regulamentar, e permittindo-lhes que vão votar nas 2 horas de espera, voltando ao ponto da reunião. Estes agentes podem prestar serviços policiaes de segunda ordem, de apreciavel importancia, ao mesmo tempo que se vae educando e preparando o espirito publico, incutindo-lhe a noção de que na classe civil reside um grande elemento de organisação militar para que tendem aspirações modernas melhor orientadas.

Outro sim lembro a V. S.ª estar superiormente ordenado pelo Ministerio do Reino, e concomitantemente pelo Ministerio da Guerra:

1.º—Que para a manutenção da ordem se dê preferencia á cavallaria, a qual procurará sem effusão de sangue, fazer dispersar os que justifiquem a intervenção da força armada, procurando limitar a isto a sua intervenção. Quando, por circumstancias que não podem ser previstas, a cavallaria tiver necessidade de um procedimento mais ostensivo, empregando os sabres deverá usal-ss de prancha, procurando as regiões do corpo em que o traumatismo é menos perigoso.

2.º—A infanteria deverá ser considerada na manutenção da ordem publica como necessaria para cobrir a cavallaria e só subsidiariamente deve intervir, de vendo attender-se: 1.º—que qualquer que seja a qualidade da força; cavallaria, infanteria ou policia, quando seja obrigada a fazer uso das armas de fogo, deverá fazel-o preceder de prevenção bem comprehensivel, nos termos legaes; 2.º—as pontarias serão altas, excepto quando manifestamente corram risco as vidas dos agentes da força publica.

Entregue V. S.ª um exemplar d'esta circular a cada um dos seus representantes junto das assembleias primarias, e de todas as occorrencias faça rapida communicação para este Governo Civil.„

# De Lisboa

*Sr. Homem Christo*

Anda toda a gente anciosa por saber qual foi a origem da revolução que se fez espalhar que rebentaria na noite de 19 para 20 d'agosto.

Cada qual inventa a sua balela e ninguem ainda acertou. E' evidente, é indiscutivel, e sobre isto não ha duas opiniões, que foi o governo, unicamente o governo, que planeou a revolução...

Qual o fim? Intimidar o Rei e os eleitores.

Intimidar o Rei, mostrando-lhe, ao mesmo tempo, que podia estar seguro, que este governo de força, de prestigio, de saber e decisão, dera tão promptas e sabias providencias, que a revolução abortou logo, sem demora, a um aceno dos sabios ministros!

Isto é que é gente d'uma canna e d'um bestunto!

Hão de lembrar-se que ahi por 1894 ou 1895, appareceram na camara dos deputados umas representações para se restabelecerem as ordens religiosas. Uma das representações foi apresentada pelo Visconde de Pindella, deputado por Braga, a outra, mais volumosa, foi apresentada pelo abbade de Maximina, tambem deputado pelo mesmo districto.

Esta representação continha mais de 40.000 assignaturas. O governo, presidido por Hintze, não obstante ser conservador, audaz e prompto para tudo, apavorou-se e deixou ficar as representações enterradas nas commissões. Fechou-se a camara, porque as representações foram apresentadas quasi no fim da sessão, e não tugiu nem mugiu sobre tal assumpto.

Pelo apresentante da primeira representação vê-se, claramente, qual a sua origem e quem a apadrinhava, ou quem a amadrinhava.

Fechada a camara, o governo lançou-se na mais feroz dictadura—a do João Franco.

A madrinha da pretenção começou a instar energicamente com o governo para decretar as ordens religiosas. O governo defendia-se, deixando estar as camaras fechadas. A madrinha apertava e dizia: "Então os senhores teem feito a dictadura mais bravia, teem feito tudo quanto lhes tem vindo á cabeça e só teem duvidas e escrupulos no que eu tanto desejo e nenhumas difficuldades encontra? Pois não viram o grande numero de pessoas que assignaram as representações, sem apparecer um unico protesto? Não comprehendo os seus escrupulos n'uma causa em que a opinião publica os acompanha.»

Os ministros eram tão apertados que não sabiam como haviam de sahir das difficuldades, porque não encontravam argumentos para rebater as razões apresentadas.

Os ministros eram muito audazes, mas a sua audacia não chegava a ponto de se atreverem a restabelecer as ordens religiosas. D'este ministerio fazia parte Carlos Lobo d'Avila, o mais brilhante talento da pleiade de politicos da nossa geração e fertil em expedientes. Vendo os collegas entalados, lembrou-se da celebre rusga aos padres na procissão de Santo Antonio, que poz em alarme a cidade de Lisboa e o paiz inteiro. Não contente com isto, vestiu policias de habitos talares e mandou-os fingir que queriam roubar creanças para as matar e subtrahir oleo humano, bom para todos os males.

A manobra foi tão bem planeada, tão bem executada, que todos a comeram e a explosão foi geral.

O odio aos padres foi medonho.

Houve um levantamento em todo o paiz e um protesto geral contra os padres.

E' claro que nunca mais se falou em restabelecimento d'ordens religiosas. Como este, foi Carlos Lobo d'Avila, fertil em expedientes que deram optimo resultado na occasião, emquanto não foram descobertos.

Hei de contar como elle salvou o ministerio de ser demitido no anno seguinte, quando El-Rei D. Carlos estava nas Caldas da Rainha.

Fica para a outra vez, para não alargar o muito que ha a contar.

* * *

Estando o governo *in articulo mortis,* lembrou-se Alpoim, que tem estado de perninha, e José d'Azevedo dos processos de Carlos Lobo d'Avila, e disseram:

«Vamos arranjar um plano para salvar o governo?»

Tanto machinaram, tantos tratos deram á imaginação, que se lembraram da pavorosa como o processo mais efficaz de consolidar o governo, pelo medo que esperavam incutir ao Rei e pelas promptas providencias que deram para a suffocar.

O plano não era mal pensado. Foi o José de Azevedo encarregado de o levar a Teixeira de Souza, que, como ministro do reino e chefe do governo, tinha de o acceitar. D'ahi as demoradas conferencias que os jornaes disseram que José de Azevedo teve no ministerio do reino com Teixeira de Sousa, e que na occasião não era possivel descortinar quaes os fins.

O plano foi concebido por dois homens intelligentes, ainda que sem escrupulos e a execução foi confiada a um burro que estragou tudo, felizmente. Os burros tambem teem sua utilidade. Por isso Alpoim, berrava, com furia brava: Aquelle Teixeira de Souza é um burro, é um estupido, dá cabo de tudo, estraga tudo.

Ahi estão agora explicadas as conferencias demoradas do Zé d'Azevedo no ministerio do Reino com Teixeira de Souza e a furia do Alpoim em classificar de burro e estupido o seu amigo de Alijó que lhe estragou o plano e desmascarou o jogo.

Mas que traficantes! Em que mãos está entregue o Rei e o paiz! Pode isto continuar? Senhor D. Manuel, Vossa Magestade não sabe as quadrilhas com quem está mettido, não sabe os processos que elles são capazes de architectar para conseguir os seus fins.

Tenho-lhe dito aqui, com a mais absoluta lealdade, isenção e desinteresse que ponha fóra quanto antes esta quadrilha a quem foi entregar os sellos do estado, porque dias calamitosos lhe estão reservados e á patria. Não acredita nos meus conselhos Senhor D. Manuel? Verá as consequencias! Se este plano falhar, elles que são ferteis em planos diabolicos, architectarão outros em que sejam mais felizes. Aquillo não é gente que pare, que se submetta. Andam sempre a magicar, para o mal, e como este plano falhou, elles descobrirão outros que nos hão de envolver na rede das suas intrigas e lançar o paiz em machievelicas aventuras.

* * *

Dissemos outro dia que a estas eleições se hão de seguir outras, a breve trecho; porque a indignação do paiz contra estes quadrilheiros é enorme e o movimento de protesto hade ser tão grande, tão tremendo, tão retumbante, que El-rei se hade ver obrigado a pol-os no andar da rua, se lhe derem tempo para isso, se não o pozerem primeiro a elle a andar para proclamarem a republica, como estão compromettidos com a parte mais revolucionaria do partido republicano.

Para evitar a consumação d'este abominavel conluio é necessario muita vigilancia, muito criterio e muita firmeza da parte monarchica do paiz. E' necessario que da parte d'outros agrupamentos politicos, haja muita decisão, muita energia, para contraminar este audacioso e machiavelico projecto.

E' necessario que o Senhor D. Manuel tenha outro ministerio preparado, para immediatamente substituir essa malvada quadrilha e tomar conta dos sellos do Estado se ainda chegarem a tempo.

E' indiscutivel que esse governo tem logo de dissolver as camaras e proceder a novas eleições, o que é de certo uma grande calamidade. Isto que está na consciencia nacional, não quiz ver o Senhor D. Manuel para evitar a si e ao paiz uma grande e tremenda catastrophe. Bem lhe advertimos meu Senhor, mas Vossa Magestade suppoz que era algum interesse, a não ser o bem nacional que nos impulsionava. Hade sair-lhe caro, e ao paiz, este acto de fraqueza. Todos nós teremos de soffrer este acto de pusilaminidade d'El-rei. A cegueira e a fraqueza dos Reis faz desgraçados os povos, que teem de pagar os erros dos seus Monarchas. Triste sorte é a d'este desgraçado povo em que o seu Rei despreza os conselhos dos seus dedicados, leaes e desinteressados amigos para só attender aos ambiciosos e aos quadrilheiros que o cercam.

—

Na semana anterior não recebemos carta do nosso correspondente. E esta fica incompleta porque os gatafunhos são de tal ordem que, em certas passagens, nem o diabo os entende.

Aviso ao auctor.

*N. da R.*


# DIABOLO

CHEGOU novo sortido d'este bonito entretenimento com o qual se fazem lindos e apparatosos exercicios.

**CASA SENNA.—Salão de jogos**
48, Rua Nova do Almada, 52—LISBOA


# A deploravel situação dos colonos por causa da canna

A lei que extinguiu as casas vinculares, seria um grande bem e um beneficio geral, se as propriedades tivessem passado para os colonos.

As casas dos morgados extinctas e suas propriedades adquiridas pelos colonos, como elles desejavam, marcaria uma era de prosperidade para todos.

A mais importante d'ellas acabou poucos annos antes do fallecimento de seu dono o Conde do Carvalhal, pelo motivo de tudo estar hypothecado. Eram muitas as propriedades que este morgado tinha em todas as freguezias d'esta ilha. Mas tempos antes de se fazerem os lotes para as propriedades irem em praça, instaram e muito os colonos, ou caseiros, que cultivavam as terras, ao procurador do Credito Predial Portuguez, para que fizessem pequenos lotes, mesmo porque alcançariam melhor preço e que assim melhor conviria aos mesmos colonos, para comprarem os sitios onde tinham suas bemfeitorias e tambem nascido.

A nada se attendeu sob varios pretextos, mas só com o fim de servir certos influentes e amigos poderosos de quem se dependia.

E' sempre assim: servilismo, injustiça e iniquidade.

Assim foram servidos os pretendentes e como eram muitas as propriedades, ainda chegou para Demeraristas, Brazileiros e para quantos tinham capital para empregar. (Esta gente é assim conhecida, por terem imigrado para Demerara e Brazil e lá terem feito fortuna). O certo é que nenhum colono poude arrematar nem ficar com a terra que tanto desejava, por serem grandes lotes incompativeis com o que precisavam, e de mais para a importancia que tinham.

Mas era tal a vontade que elles tinham de se libertar d'esta escravidão e tutela, que muitos se reuniram, chegando a offerecer lucros ao novo possuidor que tinha arrematado um dos lotes grandes, para lhes ceder as fazendas que lavravam. Isto prova que estavam habilitados a comprar a parte que colonisavam.

Ainda aqui se prova a ancia que havia de acabar com a escravidão.

Pois os que trabalham nas terras são os que teem mais direito a serem seus donos. Mas os chamados poderosos não quizeram, e bastou isso para toda esta gente ser preterida.

Ora se tivessem feito o que a rectidão exigia e a consciencia impunha, hoje já estava extincta a classe de colonos, para dar logar só a pequenos proprietarios e lavradores, os unicos que podem convir a todos.

Mas os que actualmente são senhorios estão fazendo um grande mal a todos em geral, obrigando colonos e caseiros a só terem vinha e canna, cultura de bom resultado só para senhorios!

No tempo em que as terras eram dos morgados, e com especialidade as muitas que eram do Conde, n'essa epoca os feitores faziam arrendamentos aos proprios colonos, e então havia generos em abundancia em casa do colono, tanto para a familia e ainda e muito para o consumidor comprar.

Havia fartura e ninguem era assaltado pela terrivel tuberculose, a qual só ataca aos que mal se alimentam, por falta de meios, como hoje infelizmente succede, com tudo caro.

O motivo, a causa de haver hoje tanta tuberculose é sem duvida alguma de estarem tantos terrenos cheios de canna de assucar e as melhores terras, que deveriam ser reservadas para culturas de alimentação do povo, como em epocas anteriores se fazia e como fazem todos os povos debaixo da vigilancia humanitaria de seus governos. E basta apenas especificar a America do Norte, que tem immenso cereal para seu consumo e ainda muitissimo para exportar. São esses paizes que nós devemos imitar, deixando a orientação desgraçada que lavra aqui e egualmente em Portugal, que poderia ter cereal em tal abundancia que não só désse para o paiz, mas ainda para exportar. Em compensação tem vinho em tanta quantidade, que não tem para onde exportal-o, e o preço é tão baixo que nada deixa ao lavrador. E nós ainda estamos em peores circumstancias, devido á crassissima ignorancia dos que fomentam esta praga que se chama agricultura ou cultura de canna-yuba.

Parece que Deus para castigar tudo isto que aqui abunda permittiu que o diabo influisse na vinda da penultima especie de canna, trazendo tambem a formiga e alastrando a tuberculose pela falta de alimentação; castigo que este desgraçado povo bem merece por se não ter opposto a toda esta bandalheira. Então os *entendidos,* os que dispõem d'este povo como se tudo isto fossem escravos, só querem a cultura da canna, que é simplesmente para a industria do alcool e do assucar, monopolisado por um só individuo, o qual vende ao consumidor pelo preço que quer! O outro assucar é remettido para Portugal, unico paiz onde póde entrar, e ainda assim para competir em preço com o extrangeiro é preciso entrar livre de direitos na alfandega, deixando o governo de cobrar o valor fabuloso de 322 contos.

E ainda para se poder sustentar o capricho d'esta minoria egoista, temos de importar cereaes do extrangeiro, no valor de 943 contos de reis ou mais, conforme a carestia do paiz d'onde elle tenha de vir, e ainda com o agio que tenha a libra. E sempre com os direitos sobre os cereaes, que nunca são menos de duzentos contos!

Tudo isto para satisfazer a ambição e vontade absoluta dos senhores, que só querem canna!

Nunca será demais repetir: a causa principal de tanta tuberculose, na ilha, provém da falta de alimentação, sendo aggravada com a carestia de todos os generos de consumo, que são mui escassos, por metade da ilha estar cultivada de canna-yuba.

Alguem, para desviar as attenções da desorganisação

em que tudo isto se encontra, disse, ha tempos, que ia melhorar a triste sorte dos tuberculosos, em vista de uns tantos quartos que nos sanatorios seriam dados a doentes pobres. Mas nada d'isso se effectuou, por motivos que para o caso pouco importa saber. Já se disse a origem, a causa de tanta phthisica na Madeira, é devido, unicamente, á insufficiencia da alimentação no sexo feminino, e no masculino pelo alcoolismo, sendo o motivo principal de todo o mal a grande quantidade de canna.

Nem com um hospital de cinco mil camas se poderá debellar a tuberculose.

Escusado será desviar as attenções da causa principal e quasi unica d'este flagello: não é outra senão que os ganhos de qualquer são sempre poucos em relação á carestia dos generos para se sustentarem a si e seus filhos.

Sim, a pouca alimentação, por isso que é cara, e não ha dinheiro para compral-a.

Usa-se sempre de rodeios para se não falar em desabono da enorme quantidade de canna que, presentemente, ha, de mais de 70 mil toneladas, sendo isto, precisamente, a ruina, o mal-estar do desgraçado colono e tambem do consumidor!

Se as terras dos morgados tivessem sido compradas todas, ou na sua maioria, por colonos, decerto não havia tanta canna; o mais que haveria eram 20 mil toneladas e tudo entrava na ordem, como assim era em 1903 ou 1904.

O lavrador que só tem o terreno sufficiente para trabalhar, elle e os filhos, não quer canna d'assucar, mas sim milho, fava, ervilha, couve, trigo, etc., etc., culturas que possa colher em tres ou quatro mezes, que lhe traga a fartura e abundancia para a familia; e do que lhe sobeja, vende.

Isto que convém a um será o mesmo para os outros, das muitas freguezias que a ilha tem; e como não podem durante o anno consumir tudo o que a terra produz, segue-se que, pela muita abundancia que todos teem, o consumidor tambem vae participar da fartura, por preço modico.

Hoje, muitos colonos sabem que os seus direitos são eguaes aos do senhorio, e que poderiam bem dizer: "quero toda e qualquer cultura, menos canna!„

Elle, que faz o trabalho, está mais no caso de ver que o que lhe é conveniente, o é tambem para todos os colonos e caseiros. Mas, se não rompe com o senhorio, seu socio, é isso devido a tal submissão de escravo, de medo e cobardia, tão mal entendida e tão prejudicial tanto para a familia como para elle.

Ainda assim, alguns ha que se sabem impôr, como este: no concelho de Machico, um senhorio quiz que o colono plantasse canna, mas elle disse-lhe: "tudo, menos isso„. O senhorio tratou, judicialmente, de o excluir (era exactamente o que elle desejava) e assim se fez, pagando ao caseiro um conto e setecentos e tantos mil réis.

O caseiro ficou contentissimo, pois fez um bom negocio; e o senhorio, ainda ha pouco tempo, não tendo outro que lhe tomasse as bemfeitorias, lá ficaram, e a terra por lavrar, sem lhe render um real. Se houvessem muitos como este, os senhorios tinham de ir plantal-a. Em resumo: o senhorio enganou-se nos seus calculos e recebeu a lição que merecia.

A canna só serve a um certo e determinado numero de individuos.

Quantos serão os proprietarios que lucram em que haja canna na ilha e com as protecções actuaes? Relativamente, poucos. Podem ser dez, com um rendimento total de 50 contos; quarenta, com 120 contos e quatrocentos e cincoenta com 330 contos; no todo:—quinhentos senhorios, egual a 500 contos de réis,—ou tambem se póde dizer um conto a cada um, ou seja um total acima dito de 500 contos.

Eis aqui os unicos que teem aproveitado com o regimen durante uns poucos d'annos, e que ainda pretendem aproveitar conjunctamente com o *benemerito* industrial!

Sem regimen a canna vale menos 70 por cento; portanto, uma colheita avaliada em mil contos de réis, ficaria reduzida apenas a 300 contos e, talvez, ainda a menos.

*S.*

# PROVINCIAS

## Ponte da Barca

Não tenho affeições politicas. O meu partido é o da ordem, a minha bandeira é a da patria. E é como filho d'esta terra e partidario da ordem, condição primacial para o levantamento d'este paiz, que a prova de patriotismo, que este concelho deu nas eleições do dia 28 do mez findo, concorrendo com uma brilhante maioria para o triumpho do unico agrupamento politico, que está ao lado da ordem n'esta hora tremenda em que Portugal se me afigura uma galga lançada do cimo d'uma montanha rolando constantemente para o abysmo, me causou uma dupla alegria.

Bemditos sejaes, filhos da minha terra, que no momento em que a nossa mãe commum corre grave perigo vós sabeis collocar nos vossos postos, honrando assim a memoria d'aquelles que ali, nos campos de Cerneja, entre esta villa e a dos Arcos, venceram valentes hostes castilhanas.

E' certo que n'este districto (Vianna do Castello) a colligação não obteve as maiorias. Mas que importa isso, se o triumpho moral pertence ao bloco, sabendo-se, como se sabe, que foi com violencias, subornos, leilão de consciencias, etc., que os nossos adversarios venceram no districto apenas pela miserrima maioria de 1:200 votos?

São dignos dos maiores elogios o illustre chefe dos progressistas locaes, os nacionalistas e outros cavalheiros, pela forma como aqui montaram a machina eleitoral. Eu não conheço mesmo em todo o paiz quem os excedesse, pois não sei de concelho nenhum que, relativamente, désse á colligação maior numero de votos do que este. Estão satisfeitos, e teem razão para o estar.

Quem não gostou foi o Manuel d'Azevedo, Pedro Sarmento, administrador, e todos os demais republixeiristas. Andam desesperados. Trazem beiças de palmo e meio, andando alguns como que atordoados. O Pedrinho anda de tal forma que na segunda feira quasi que ia indo ás bentas á criada por esta lhe não ter deitado couves, sal e feijões no café, julgando que era caldo—tão perdido ou absorvido estava pela derrota eleitoral.

Uma fresca e roliça moçoila, encontrando na segunda feira de tarde o Manuel d'Azevedo, tão beiçudo o viu, que d'ali a pouco cantava:

*Leitinho fresco com canela,*
*p'ra o fastio limão azedo;*
*livrai-me Senhora d'Agrella*
*da beiçona do Azevedo.*

*P. S.* E' de justiça dizer-se que para o triumpho dos bloquistas n'este concelho, cujo povo é fiel cumpridor da maxima: "De entre os maus prefere os que o são menos„, muito concorreu o *Povo de Aveiro* que aqui é muito lido e justamente considerado e apreciado. Elle abriu muitos olhos que se achavam fechados, preparou muito terreno bravio e fez reflectir alguns espiritos que até agora nada se importavam com as qualidades dos agrupamentos politicos a quem davam o voto. Emfim, foi um excellente auxilio dos cavalheiros que trabalharam pela colligação.

Na correspondencia immediata contarei uma grande pouca vergonha, de que acabo de ter conhecimento, e que se deu ha dias, ali na freguezia de Aboim da Nobrega, pertencente ao concelho de Villa Verde, e a uma legua de distancia da villa da Barca.

*Flagrum.*

—†—

## Eleições

**Alvaro, 28-8-910.**

Terminou a eleição entre vehementes protestos da opposição, que foi ignobil e torpemente roubada pela quadrilha dos Alijós.

Um senhor *brasileiro* poz em pratica os processos *di lá*. Apenas o digno presidente da mesa terminou a contagem das listas entradas na urna, o tal senhor *brasileiro*, José Domingues Antunes, arremessando a mascara da hypocrisia, de que habitualmente usa, lançou mão de todas as listas, não consentindo que fossem abertas pela presidencia, nem lidas em voz alta pelos escrutinadores, como a lei expressamente preceitúa, e deu por terminada a eleição, tomando da opposição os votos de que carecia, para satisfação da sua vaidade balôfa e da sua ambição desmedida e sem escrupulos. Os protestos da presidencia, secundados pela opposição e alguns governamentaes sensatos, foram abafados pela quadrilha, apoiada pela auctoridade administrativa, o sr. conego Augusto Antonio Romão.

Tudo está perdido. Não ha respeito pela lei, nem pela auctoridade; reina a anarchia e a força bruta. Nem vale a pena pedir providencias ás instancias superiores, onde reinam os Alijós, colligados dos instigadores de roubos, assassinatos e incendios.

Só nos resta prevenir os incautos, para que guardem bem as suas carteiras dos quadrilheiros commandados pelo tal senhor *brasileiro*.

Quem faz um cesto...

*C.*

—†—

## Oleiros, 29-8-910

Praticou-se hontem, n'este concelho, mais uma prepotencia, que deve juntar-se áquellas em que são useiros e veseiros os correligionarios do senhor d'Alijó.

Além de suborno e ameaças com que os governamentaes mimosearam os povos d'este concelho, que lhe eram adversarios, deve accrescentar-se a maneira hostil com que a opposição foi recebida á bocca da urna.

Tendo, de vespera, chegado a esta villa uma força de cavallaria, o sr. presidente da camara, servindo de administrador do concelho, para melhor conseguir os seus fins, mandou-a seguir para a Certã, entregando a manutenção da ordem a cabos, armados de cacete, que, postados no edificio da assembléa, affrontavam a liberdade dos eleitores, dirigindo para alguns o vexatorio epitheto de *thalassa*.

A's nove horas da manhã, o sr. presidente da assembléa deseja constituir a mesa, na conformidade da lei, mas não é possivel, porque os *caciques* do sr. Teixeira de Sousa nomeiam por acclamação, violenta e arbitrariamente, sem se importarem de mais formalidades, pessoal da sua escolha e feição.

A opposição protesta, energicamente, mas não lhe é reconhecido direito algum. Grita-se, pede-se o cumprimento da lei, mas para logo se levantam enormes varapaus, que são os protectores d'esta illegalidade.

E' infame esta maneira de proceder; revolta a todos os espiritos bem formados, que as garantias individuaes sejam coarctadas tão descaradamente; porém, escandalos e violencias d'esta natureza são peculiares em tal gente. E para cumulo de tanta affronta, meia duzia de desordeiros vão, de tarde, por esses caminhos fóra, descarregar enormes pauladas em bastantes eleitores, que, pacificamente, seguiam para suas casas, havendo a lastimar, já, cabeças partidas, braços e outras partes do corpo com grandes contusões.

Quem pagará este acto, merecedor de severo castigo? Era bom que o publico o soubesse, para agradecer aos seus bemfeitores.

Eis a que ponto chegámos, com tal governo. E' esta a situação deprimente com que a monarchia paga aos seus leaes servidores.

Abaixo tanto despotismo!

*O correspondente.*

—†—

## Villa Nova de Tazem, 30-8-910.

*... Sr. Homem Christo*

V. que tanta falcatrua tem descoberto a todas as quadrilhas politicas, e que no seu tão lido *Povo de Aveiro* tem tornado publicas, vae ficar estupefacto com o caso que vou contar-lhe, passado aqui com as ultimas eleições de deputados e que mais uma vez prova o bandalhismo, a reles politiquice que por vergonha nossa são as quadrilhas governo-buicidente-republicano.

O inimigo mais feroz do partido regenerador, aquelle que nas eleições de 1900, ferenho admirador do sr. José Luciano, tanta guerra fez ao deputado agora eleito por este circulo, Dr. Fernandes Correia, foi quem n'estas eleições fez a politica do actual governo, exercendo uma pressão violenta sobre todos os eleitores, cortando relações com uns, ameaçando outros de não mais lhe prestar os seus serviços como medico, etc., etc.

O acto eleitoral, esse, então, foi o mais porco e escandaloso possivel. A mesa, constituida por gente á sua imagem e semelhança, teve por presidente um *cavalheiro*, que os republicanos locaes chrismaram Zé Bello, e que devia ir tambem presidir á eleição no Perral, caso pudesse, como Santo Antonio, estar, ao mesmo tempo, nos dois logares. Tal gente teve a *pasmosa* habilidade de, no acto do escrutinio, lêr apenas 5 listas do bloco, quando na urna deram entrada, pelo menos, 29!...

O mesmo não aconteceu com as do candidato republicano, resultado de uma conferencia, no sabbado, entre os dois *doutores*, e, por isso, se ouvia á bocca cheia: "As minhas dez listas republicanas estão garantidas e, por isso, os do bloco que vigiem, se quizerem!...„

Mas, então, onde estão essas dez listas? Onde estão esses dez votos? Para que foi esse telegramma a felicitar o candidato republicano Pedro Amaral Botto Machado, pela votação aqui obtida, se elle cá não teve um unico voto?

Pobres eleitores, pobre povo, que, até pelos salvadores da patria, por aquelles que ainda n'um manifesto distribuido um dia antes das eleições, diziam: "Não tem o partido republicano entendimento algum com qualquer bando monarchico!... E'-lhe defeza qualquer combinação em face da crise agudissima que atravessa o paiz, e do estupido raccionarismo em que todos se confundem. A lista, pois, deve conter, exclusivamente, o nome do candidato republicano—o digno cidadão Pedro Amaral Botto Machado.»

O mesmo manifesto, falando de Teixeira de Sousa, o actual presidente do conselho de ministros, dizia:

"Transmontano de hombros tão largos como as suas ambições, e hemispherios cerebraes tão estreitos como os seus talentos politicos. Era, ainda hontem, um dos primaciaes *adeantadores* e continúa a ser, hoje, *um homem do seu tempo*, isto é, accommodatica creatura, sem idéas que o determinem nem ideaes que o nobilitem.„

Pobre gente, que até por estes foste enganada! Julgaste, talvez, que votaste na lista republicana?

Como vives illudida!... O teu voto, a tua consciencia foi salvar o governo de perder as eleições n'este circulo, onde a derrota era certa, se não fossem todas as combinações e roubalheiras de que lançaram mão. E diziam, então, estes senhores republicanos, no já citado manifesto, falando ao povo:

"Votas na monarchia? Pois vota. Vota na escravidão e na ruina da tua patria, que nós votaremos pela Republica!„

Sr. dr. Pires: em quem votou V. Ex.ª? Como chamarão hoje aquelle que ainda hontem era o Zé Bello, o Galopim-mór e outros nomes semelhantes?

Farçantes, hypocritas, refinadissimos palhaços, que não são capazes de sustentar ámanhã aquillo que dizem hoje.

*C.*


# O Povo de Aveiro

**Vende-se**

**Aveiro**—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.

**Lisboa**—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Raphael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento 102 a 104; Rozendo R. Gonçalves (Tabacaria Gonçalves), Rua de Santo Ámaro 1 a 5; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza dos Paulistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho 105 B.; João Rodrigues Maitos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47; Manuel Loureiro do Prado, Rua do Possollo, 27; Tabacaria Machado, Palacio Foz, Praça dos Restauradores, 31 K; Domingos Silva, kiosque do Largo do Intendente; Antonio Maria da Silva, largo de S. Domingos, junto ao Quartel General.

**PORTO**—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa, 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

**Espinho**—Kiosque Reis; **Vizeu**—Kiosque do Rocio; **Chaves**—Annibal de Barros. **Villa Real**—Kiosque Trindade, **Alverninha**—Paulino da Silva Mendes. **Estoril**—Alfredo Pinto, Buffete da Estação. **Villa Franca de Xira**—Tabacaria Marciano Mendonça. **Seixal**—Profirio Ferreira. **Villa Velha de Rodam**—Antonio da Cruz Pinto. **Mangualde**—Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem**—Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul**—José Augusto d'Almeida. **Fáro**—Francisco Matheus Fernandes. **Evora**—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21. **Cascaes**—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Cortegana**, Alemquer—João dos Santos Pereira. **Paderne**, (Algarve)—Antonio Anacleto d'Oliveira.

**Torres Novas**—João Rodrigues Sentieiro. **Amarelleja—Moura**—Manuel Frade. **Castello Branco**—Vende-se pelas ruas. **Monte-mór-o-Novo**—Fortunato Reinata. **Tondella**—Mario do Carmo. **Pedrogam Grande**—Adelino Lourenço dos Santos. **Idanha a Nova**—Christiano Pereira Barata. **Ançã**—José da Costa Neves. **Braga**—Manuel Gonçalves Vaz, Kiosque Gonçalves. **Taboa**—Francisco da Costa Carvalho. **Monsão**—João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David. **Pinhel**—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres.

**Vianna do Castello**—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego**—Joaquim Valente. **Elvas**—Luiz Samuel da Silva. **Agueda**—Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã**—João Pereira Saraiva. **Santa Cruz da Graciosa**—Antonio Ernesto Esteves. **Fundão**—Belarmino Barata **Guarda**—José da Silva. **Arganil**—José Baptista de Carvalho.

**Cadaval**—Antonio Lopes Leal. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Alcochete**—Joaquim Valentim. **Santarem**—Vende-se nas ruas. **Coja (Arganil)**—Antonio das Neves Pimenta.—**Castello de Vide**—Antonio Louenço Beliz. **Villa do Cano**—Antonio Martins Florentino.

**Louzã**—Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines**—A. Cabrita do Rosario. **Coimbra**—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto. **Oliveira do Hospital**—José de Mello Alves Brandão. **Alcobaça**—Antonio Vazão. **Gouvela**—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp. **Leiria**—Jayme Monteiro. **Portalegre**—João Gervasio Coelho, Largo da Sé. **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade (*o Varino*). **Setubal**—Manuel Tavares. **Arronches**—Miguel Maria. **Certã**—Luiz da Silva Dias. **Santo Amaro (Oeiras)**—Francisco Mórem. **Mirandella**—Annibal Cunha.

**Vianna do Alemtejo**—Joaquim Antonio Carvalho. **Loriga** (*Ceia*)—João Mendes Cabral Lages.—Miguel Maria Tavares. **Villa Viçosa**—Luiz Filippe d'Abreu.

**Bragança**—Manuel Benito. **Funchal**—Francisco de Senna Lisboa, Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira**—Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis**—Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas. **Porto de Móz**—José Henriques. **Alandroal**—Armando Tavares de Moura Palhas, Pharmacia Caeiro. **Nellas**—Agostinho da Costa Campos. **Alemquer**—João Matheus da Silva Brito, Rua Direita. **Fáfe**—Almeida Guimarães & Alves. **Cabanas**—Julio Requixa. **Ponta Delgada**—**S. Miguel**—Café Tavares. **Guimarães**—Antonio Lopes Martins. **Esmoriz**—Paulino Rodrigues d'Almeida **Olhão**—Antonio de Souza Gouveia. **Villa do Espinhal**—Augusto Duarte Bento. **Molta do Ribatejo**—Victorino Soeiro.

**Ponte do Lima**—João dos Reis Sequeiros; **Povoa de Varzim**—Marques & Carneiro. **Ilhavo**—Estabelecimento de Bernardo Razoilo.

## BRAZIL

**Rio de Janeiro**—Livraria Schettino—Rua do Ouvidor, 18;—Rua 1.o de Março (esquina da rua do Ouvidor) ponto dos Jornaes; Braz Lauria—Rua do Ouvidor, 181; A. Moura—Rua da Quitanda, 114; Gare da Estrada de Ferro Central.

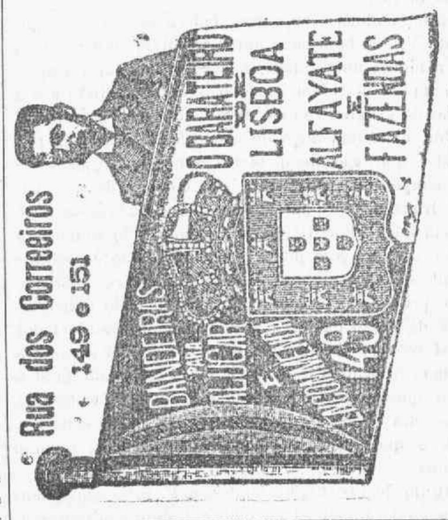
**Manaus**—Agencia Freitas.

**Santos**—José de Paiva Magalhães, rua de Santo Antonio, 84, 86.

## Alexandre Fontes

*A Escripta Nacional*, (2.ª edição, refundida)..... 1$200
*Vocabulario Orthographico*, (completo).. 600

Pedidos á
LIVRARIA FERREIRA, LIMITADA
**LISBOA—R. do Ouro, 132 a 138—LISBOA**




# AGUA DA CURÍA

Semelhante á de Contrexéville

**Estimula a acção dos rins que são os filtros do corpo humano.**

Experimentae a
AGUA DA CURÍA

*Representante e depositario em Lisboa:*
Humberto Bottino
**Praça dos Restauradores, 31-H**
TELEPHONE: 3035

# Aguas
# CASTELLO DE MOURA

**Explendidas e incomparaveis aguas de meza, com optimos resultados nas doenças da bexiga, rins, estomago, etc.**

*Deposito no norte do paiz:*
**26, Rua Mousinho da Silveira, 28**
PORTO

# Agencias de annuncios
DO
# POVO DE AVEIRO

Em Lisboa
**Largo de S. Domingos 20**
JUNTO Á CALÇADA DO GARCIA

No Porto
**Praça de D. Pedro, 9 e 10**
TABACARIA TEIXEIRA

# Bebam as Aguas Medicinaes
DO
# CASTELLO DE MOURA

# Grandes Armazens
DO
# Printemps de Paris

Ha actualmente em deposito, n'este escriptorio, um grande sortimento de cortinados **brise-bise** em condições muito vantajosas. Assim como tambem ha um grande e variado lote de artigos da estação de verão que será veudido por preço muito reduzido.

*Escriptorio de reexpedição:*
**19, Largo de Camões, 19—Rocio**
LISBOA

# FARINHA TROMOINA
A FARINHA ALIMENTAR DE MAIOR VALOR
Prof. Sousa Reis—PORTO

# Grande deposito
De moveis de ferro e colchoaria

*Artigos de folha e zinco.*

**José A. de C. Godinho**
**54, Praça dos Restauradores, 56—LISBOA**
TELEPHONE—2652

# HOTEL UNIVERSAL

Proprietarios:
RAMIRES & C.ª
**—Praça da Batalha—PORTO—**

Hotel de primeira ordem installado no melhor sitio da cidade, com explendida sala de jantar, installações electricas, caixa de correio e explendidas casas de banho.

**Preços diarios, a começar em 1$200 réis**

# FARINHA LACTEA NESTLÉ
Alimento completo para crianças e pessoas edosas.

# Typographia a vapor
DO
## Povo de Aveiro

Nesta typographia, montada com material extrangeiro, de primeira ordem, das casas Bauer, Schelter, Berthol, Klinkardt, Ingenfrost, Dietz & Listing, Albert & C.ª, Turlot, se fazem todos os trabalhos typographicos, como livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de visita, bilhetes de estabelecimentos, memorandums, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a Francisco Manuel Homem Christo, proprietario e director do *Povo de Aveiro*.

# Artigos graphicos

Os melhores, os mais baratos, os mais resistentes, são os da casa PEDRO, MIRANDA & C.ª SUC.res. Representante da Casa **J. G. Schelter e Gulescke** incontestavelmente a melhor fundição do mundo!

Material branco, **estrangeiro,** sempre em deposito, ao preço do nacional.

Pede-se a todos os srs. industriaes que não fechem as suas transacções sem consultarem os nossos preços.

Pedidos a
**PEDRO, MIRANDA & C.ª Suc.res**
Rua da Picaria, 59—PORTO
*Telegrammas* «ADNARIM» **Porto.**

# Empreza Cinematographica
# IDEAL

Manufactura Portugueza de Pellicula

**Salão e Escriptorio**
*Rua do Loreto, 15 e 17*
**LISBOA**

**Atelier de pose e officinas**
*Cerca do Colleginho, 7*
**LISBOA**

*Endereço telegraphico: IDEALÃO*

SUCCURSAES: No Porto, Paris, Berlim, Londres, Vienna d'Austria, Madrid, e em todos os Estados do Brazil.

Fornecimentos completos para animatographos, aluguer e venda de fitas completamente novas em Portugal. Projecções com luz electrica ou luz artificial em theatros, qualquer casa, ou de espectaculos, clubs, escolas e casas particulares, para o que tem pessoal habilitado.

**Contractos especiaes para a Africa e Brazil**

*A Empreza Cinematographica Ideal é a unica que, devido ás suas bellas installações de POSE, pode apresentar assumptos genuinamente portuguezes, desempenhados pelos nossos principaes artistas e quadros panoramicos representando os melhores pontos e os mais bellos costumes de Portugal.*

*Mediante contracto especial a Empreza tambem se encarrega da tiragem de qualquer fita de reclamo a estabelecimentos, fabricas, officinas, etc.*

# A's mães

Se quizerdes ter em 2 a 6 dias abundancia de bom leite, tomae a **VITALOSE** do pharmaceutico A. P. de Figueiredo, e não mais vos faltará emquanto durar a amamentação.

Unico medicamento de resultados garantidos.

A' venda em todas as pharmacias—**Frasco, 900 réis.**

## DEPOSITOS

**GERAL: Pharmacia Figueiredo, Alvito (Alemtejo).—Em Lisboa: Cruz & Sobrinho, 40, rua da Magdalena, 44.—No Porto: Pharmacia Magalhães, 292, rua do Rosario, 298** e sua Filial, **Praça d'Almeida Garrett, 31 (antiga Feira de S. Bento).**

*Enviam-se prospectos a quem os requisitar*

# Tinta de copiar a secco

Sem molhar o papel e conservando os copiadores como novos. Economia de tempo e trabalho. Excellente resultado na pratica. Ultima novidade. Descontos aos revendedores.

*Deposito geral:*

**Rua de S. Paulo, 9, 1.º—LISBOA**
TELEPHONE: 2378
**Rua de Santa Catharina, 32, 1.º—PORTO**

SE QUEREIS EVITAR a mordedura dos *MOSQUITOS* que a maior parte das vezes são os transmissores das febres empregae

**As Pastilhas**

## Anti-Mosquitos-Query's

Premiadas em todas as exposições, assim como o papel mata-moscas:

GEMITERIO DAS MOSCAS

Exigir bem estas marcas.
Encontra-se em todas as drogarias.
**Depositario: A. VINCENT**
**Largo de Camões, 19, 1.º, Rocio—LISBOA**